

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

GABRIELA APARECIDA PRIOR OZELAME

**A PRESENÇA DOS RÓTICOS NA FALA DOS MORADORES DA CIDADE DE
SALTINHO/SC: QUESTÕES DE IDENTIDADE E PRECONCEITO LINGÜÍSTICO**

CHAPECÓ

2026

GABRIELA APARECIDA PRIOR OZELAME

**A PRESENÇA DOS RÓTICOS NA FALA DOS MORADORES DA CIDADE DE
SALTINHO/SC: QUESTÕES DE IDENTIDADE E PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Professora Dr.^a Cristiane Horst

CHAPECÓ

2026

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Ozelame, Gabriela Aparecida Prior

A PRESENÇA DOS RÓTICOS NA FALA DOS MORADORES DA
CIDADE DE SALTINHO/SC: QUESTÕES DE IDENTIDADE E
PRECONCEITO LINGUÍSTICO / Gabriela Aparecida Prior
Ozelame. -- 2026.

f.

Orientadora: Doutora Cristiane Horst

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos, Chapecó, SC, 2026.

I. Horst, Cristiane, orient. II. Universidade Federal
da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

GABRIELA APARECIDA PRIOR OZELAME

**A PRESENÇA DOS RÓTICOS NA FALA DOS MORADORES DA CIDADE DE
SALTINHO/SC: QUESTÕES DE IDENTIDADE E PRECONCEITO
LINGUÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em: 20/08/2026.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **CRISTIANE HORST**
Data: 28/08/2026 11:13:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Cristiane Horst (UFFS – Chapecó)
Orientadora e Presidente da Banca

Documento assinado digitalmente
 **MANOEL MOURIVALDO SANTIAGO ALMEIDA**
Data: 26/08/2026 22:36:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (USP)
Membro titular

Documento assinado digitalmente
 **JULIANA FREITAG SCHWEIKART**
Data: 27/08/2026 13:29:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Juliana Freitag Schweikart (UNEMAT – SINOP)
Membro titular

Melissa Gallego Campos Bettoni (IFSC e UFFS – Chapecó)
Suplente

Dedico este trabalho aos meus amados
filhos, Joaquim Luiz e Olívia, fontes
incontestáveis de minha felicidade e amor
incondicional. Também ao meu
companheiro de vida, Daniel, cuja luz,
apoio e companheirismo foram pilares
fundamentais para esta conquista.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Primeiramente, agradeço à minha orientadora, Cristiane Horst, por sua orientação incansável, apoio constante e paciência ao longo de todo o processo. Sua expertise e generosidade intelectual foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho e para meu crescimento acadêmico. Sou imensamente grata pela confiança e dedicação que sempre demonstrou.

Aos meus filhos, Joaquim Luiz e Olívia, agradeço por me inspirarem diariamente. Eles são, sem dúvida, minhas maiores motivações e fontes de felicidade. O amor genuíno que me proporcionam foram essenciais para a realização deste trabalho.

Ao meu companheiro de vida, Daniel, minha eterna gratidão. Seu amor, paciência e companheirismo foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Ele esteve ao meu lado em todos os momentos, oferecendo seu apoio incondicional, o que me fortaleceu imensamente durante essa jornada.

Aos meus amigos e colegas, que me ofereceram palavras de encorajamento e compartilharam experiências que enriqueceram minha trajetória acadêmica, sou grata por cada momento de aprendizado conjunto.

Agradeço, em especial, às minhas amigas queridas, Carine, Carla e Tatiana, que dividiram comigo essa jornada.

Agradeço também à comunidade de Saltinho, que se mostrou tão receptiva e aberta a compartilhar sua vivência linguística. Sem a colaboração dos informantes, este trabalho não teria sido possível.

Agradeço aos meus familiares, que sempre me apoiaram, em especial aos meus pais, que, desde o início da minha trajetória acadêmica, acreditaram em mim e me deram a base necessária para chegar até aqui.

Por fim, a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste projeto, meu sincero muito obrigado.

“Saltinho terra boa
Solo fértil, povo bom
Um diamante na coroa
Deste país és tu torrão
Teu valor ninguém derruba
Teu futuro é real” (Scheidt, 1997)

RESUMO

A língua constitui um dos principais marcadores das identidades culturais e históricas de uma comunidade, sendo continuamente moldada por fatores sociais, geográficos e históricos que influenciam as práticas comunicativas. Nesse contexto, este estudo investiga a variação linguística na fala dos habitantes de Saltinho, município localizado no Oeste de Santa Catarina, com foco na realização do rótico retroflexo em sílaba interna e na substituição do /l/ pelo /r/ em determinadas palavras — como em “calça”, pronunciada como “carça”. O fenômeno rótico, recorrente na fala de parte dos moradores, configura-se como uma característica expressiva da variedade local, estabelecendo um elo entre gerações e funcionando como um símbolo de pertencimento e identidade cultural. Assim, o objetivo central da pesquisa é identificar e analisar a ocorrência dessa variante fonológica entre diferentes faixas etárias e grupos sociais, buscando compreender os fatores históricos, sociais e culturais que contribuem para sua manutenção na comunidade. Além disso, o estudo pretende investigar as percepções dos falantes acerca do possível preconceito linguístico relacionado a essa variante, bem como verificar se eles se sentem tratados de forma diferenciada em razão de seu modo de falar. O trabalho fundamenta-se na valorização e no respeito à diversidade cultural e linguística da região. Para tanto, serão examinados fatores como escolaridade, classe social, gênero e faixa etária, considerando o papel dessas variáveis na distribuição e no uso dos róticos, bem como sua relevância na construção da identidade regional. A pesquisa adota uma abordagem sociolinguística ancorada na Dialetologia Pluridimensional, o que permite analisar a variação linguística em sua complexidade, contemplando não apenas a dimensão geográfica, mas também os aspectos sociais e culturais. Posteriormente, os dados são analisados com o intuito de identificar padrões de uso do rótico retroflexo e suas implicações sociais e identitárias na comunidade saltinhense. Dessa forma, o estudo busca não apenas compreender os mecanismos que sustentam a permanência dessa característica linguística, mas também contribuir para a valorização da diversidade linguística local, promovendo uma perspectiva mais inclusiva sobre a língua e a cultura de Saltinho.

Palavras-chave: variação linguística; /r/ retroflexo; identidade cultural; preconceito linguístico; Saltinho; Dialetologia Pluridimensional.

RESUMEN

La lengua constituye uno de los principales marcadores de las identidades culturales e históricas de una comunidad, siendo continuamente moldeada por factores sociales, geográficos e históricos que influyen en las prácticas comunicativas. En este contexto, este estudio investiga la variación lingüística en el habla de los habitantes de Saltinho, municipio ubicado en el oeste de Santa Catarina, con enfoque en la realización del rótico retroflejo en sílaba interna y en la sustitución de /l/ por /r/ en determinadas palabras — como en “calça”, pronunciada como “carça”. El fenómeno rótico, recurrente en el habla de parte de los habitantes, se configura como una característica expresiva de la variedad local, estableciendo un vínculo entre generaciones y funcionando como símbolo de pertenencia e identidad cultural. Así, el objetivo central de la investigación es identificar y analizar la ocurrencia de esta variante fonológica entre diferentes grupos etarios y sociales, buscando comprender los factores históricos, sociales y culturales que contribuyen a su mantenimiento en la comunidad. Además, el estudio pretende investigar las percepciones de los hablantes acerca del posible prejuicio lingüístico relacionado con esta variante, así como verificar si se sienten tratados de manera diferenciada debido a su forma de hablar. El trabajo se fundamenta en la valorización y el respeto a la diversidad cultural y lingüística de la región. Para ello, se examinarán factores como nivel de escolaridad, clase social, género y grupo etario, considerando el papel de estas variables en la distribución y el uso de los róticos, así como su relevancia en la construcción de la identidad regional. La investigación adopta un enfoque sociolingüístico basado en la Dialectología Pluridimensional, lo que permite analizar la variación lingüística en su complejidad, contemplando no solo la dimensión geográfica, sino también aspectos sociales y culturales. Posteriormente, los datos fueron analizados con el objetivo de identificar patrones de uso del rótico retroflejo y sus implicaciones sociales e identitarias en la comunidad de Saltinho. De este modo, el estudio busca no solo comprender los mecanismos que sustentan la permanencia de esta característica lingüística, sino también contribuir a la valorización de la diversidad lingüística local, promoviendo una perspectiva más inclusiva sobre la lengua y la cultura de Saltinho.

Palabras clave: variación lingüística; /r/ retroflejo; identidad cultural; prejuicio lingüístico; Saltinho; Dialectología Pluridimensional.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estado de Santa Catarina – Mesorregiões.....	21
Figura 2 – Localização do município de Saltinho (SC).....	22
Figura 3 – Cidades que fazem divisa com o município de Saltinho	23
Figura 4 – Um dos “Saltos D’água” encontrado no município, na propriedade do Senhor Roni Armando Borhz pertencente ao Rio Saltinho.....	28
Figura 5 – Vista parcial da cidade de Saltinho de um dos pontos mais altos conhecido popularmente por “Cidade Alta”	29

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dimensões de análise consideradas pelo ALMA-H.....	54
Quadro 2 - Síntese da dimensão diageracional dos róticos em Saltinho (SC).....	70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ALCF	Atlas das Línguas em Contato na Fronteira
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul

LISTA DE SÍMBOLOS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 REGIÃO OESTE DE SANTA CATARINA: FORMAÇÃO TERRITORIAL, IMIGRAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL.....	20
2 ENTRE ROTAS E VOZES: A INFLUÊNCIA DE BANDEIRANTES E TROPEIROS NA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DO BRASIL	30
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	36
3.1 OS DIFERENTES CONCEITOS DE IDENTIDADE: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E IMPLICAÇÕES SOCIAIS	36
3.2 ENTRE SONS E IDENTIDADES: O <R> COMO MARCA DA PLURALIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA	40
3.3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO E RESISTÊNCIA CULTURAL	44
3.4 A DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL COMO BASE PARA A ANÁLISE DA VARIAÇÃO FONOLÓGICA	49
3.5 O RÓTICOS COMO OBJETO DE ANÁLISE PLURIDIMENSIONAL.....	51
4 METODOLOGIA PROPOSTA	54
4.1 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS.....	56
4.1.1 Seleção de Informantes	57
4.1.2 Definição dos instrumentos de coleta de dados e da forma de aplicação.....	58
4.1.3 Definição da apresentação e análise dos dados	60
5 COLETA, SELEÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS.....	62
6 ANÁLISE DOS DADOS	65
6.1 DIMENSÃO DIAGERACIONAL.....	69
6.2 DIMENSÃO DIASTRÁTICA	71
6.3 DIMENSÃO DIAFÁSICA.....	73
6.4 PRECONCEITO LINGUÍSTICO E SILENCIAMENTO SOCIAL	75
6.5 CONTATO LINGUÍSTICO E MEMÓRIA DE IMIGRAÇÃO	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS.....	84

INTRODUÇÃO

A língua constitui um dos principais elementos na construção das identidades culturais e sociais, refletindo processos históricos, dinâmicas territoriais e relações de poder que perpassam o cotidiano das comunidades. Longe de ser homogênea ou estática, ela se manifesta por meio de variações que expressam pertencimento, memória coletiva e modos específicos de interação social. Nesse sentido, o estudo da variação linguística ultrapassa a dimensão estrutural da língua e se insere no campo das relações identitárias, permitindo compreender como os falantes constroem suas experiências por meio da linguagem.

Cada sociedade se define, em grande medida, pelas relações que estabelece com a língua — ou com as diferentes línguas e variedades linguísticas que circulam em seu interior. A diversidade linguística existente em um dado contexto social não é neutra, mas revela estruturas hierárquicas e relações de poder entre grupos e classes sociais. Nesse sentido, a língua configura-se como um instrumento privilegiado de poder simbólico, cuja valorização ou estigmatização está diretamente ligada aos interesses das classes dominantes. Assim, os usos linguísticos tendem a refletir e a reproduzir a dominação exercida pelos grupos socialmente mais influentes sobre aqueles em posições menos favorecidas, evidenciando que as práticas de linguagem são também práticas sociais e políticas.

No contexto brasileiro, marcado por intensa diversidade étnica, linguística, cultural, social e histórica, as variedades regionais do português revelam traços que evidenciam processos de colonização, migração e contato linguístico. Conforme historiadores, a região Oeste de Santa Catarina configura-se como um espaço representativo dessa pluralidade. Sua formação territorial, consolidada entre o final do século XIX e o início do século XX, foi marcada pela presença indígena, pela população cabocla e pela chegada de imigrantes europeus, especialmente descendentes de alemães, italianos e poloneses. Esse encontro de línguas e culturas resultou na constituição de uma identidade regional própria, refletida não apenas nas práticas econômicas e culturais, mas também nas manifestações linguísticas locais.

Ao longo das gerações, seus descendentes, já nascidos em território brasileiro, passaram a desempenhar papel central na manutenção e ressignificação de práticas culturais e linguísticas herdadas, contribuindo para a configuração de um mosaico. Ademais, esse cenário histórico vem sendo reconfigurado por fluxos migratórios

contemporâneos, com destaque para a presença crescente de imigrantes venezuelanos no Brasil. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base no Censo Demográfico de 2022, os venezuelanos constituem, atualmente, o maior contingente de estrangeiros no país, evidenciando novas dinâmicas de contato linguístico que também impactam, ainda que de forma mais recente, regiões como o Oeste catarinense.

É nesse cenário que se insere o município de Saltinho, localizado no Oeste catarinense, cuja fala apresenta traços fonológicos particulares, entre eles destaca-se o rotacismo, caracterizado pela substituição da consoante /l/ pela vibrante /r/ em determinadas palavras, como ocorre em “calça”, pronunciada por muitos falantes como “carça”, por exemplo, esse rotacismo é realizado através de um rótico do tipo retroflexo, uma marca de identidade.

A hipótese que orienta o estudo parte do pressuposto de que o rotacismo não representa apenas uma herança linguística, mas atua como marcador identitário dessa população, uma vez que sua permanência na fala dos moradores reflete processos históricos de formação da comunidade, de transmissão intergeracional e de pertencimento sociocultural, constituindo um traço que distingue linguisticamente os falantes locais.

A presente pesquisa tem como objetivo central analisar a ocorrência e a função sociocultural dos róticos na fala dos moradores de Saltinho, investigando sua distribuição entre diferentes faixas etárias e grupos sociais. Busca-se compreender de que maneira essa variante fonológica se relaciona com fatores históricos, sociais e culturais, bem como com as percepções e atitudes linguísticas dos próprios falantes. Paralelamente, examina-se a troca do /l/ pelo /r/ como parte de um conjunto de traços que compõem o repertório linguístico regional.

A pesquisa também se propõe a refletir sobre as atitudes linguísticas presentes na comunidade, problematizando concepções normativas que classificam determinadas variantes como “erro” ou “desvio”.

A cidade de Saltinho, com base no Censo Demográfico de 2022, possui 3.632 habitantes, representa um microcosmo das tradições e das práticas linguísticas do interior catarinense. Embora de pequeno porte, Saltinho se destaca pela preservação de suas raízes culturais, especialmente a influência de sua população de origem cabocla, que reflete um modo de vida e de comunicação que atravessa décadas. Nesse sentido, Bernardi, Santos e Souza (2020) abordam:

Compreendendo a formação do povo brasileiro, é possível entender o caboclo como um Brasil dentro dos brasis, porque se fazem brasileiros, porque sua cultura apresenta o resultado dessa miscigenação, porque constroem uma nova forma de vida e a dizem para a sociedade em que vivem. Além de pensar as condições a que foram sujeitados na perspectiva social, no coletivo puderam se fazer em todos os aspectos que envolviam a sua cultura, que se dá a partir do processo de miscigenação/hibridação, num cenário em que “a hibridez tem um longo trajeto nas culturas latino-americanas. Recordamos antes as formas sincréticas criadas pelas matrizes espanholas e portuguesas com a figuração indígena” (CANCLINI, 2015, p. 326). Santos e Souza, 2020, p.100-101.

Tendo em vista essa gama cultural, a pesquisa proposta busca analisar a presença e a variabilidade dos róticos na fala dos moradores de diferentes faixas etárias e estratos sociais, investigando também como essa característica linguística se relaciona com o pertencimento cultural e com a percepção da identidade local.

A escolha do município de Saltinho, como lócus desta pesquisa, não se deu de forma aleatória, mas está profundamente vinculada à trajetória pessoal e profissional desta pesquisadora. Ao conviver diariamente com essa comunidade e atuar no município há mais de dez anos, foi possível observar, de maneira próxima e sensível, as particularidades culturais e linguísticas que caracterizam seus habitantes. Essa vivência permitiu não apenas identificar a presença marcante dos róticos e de outras variantes fonológicas, mas também compreender o valor simbólico que essas marcas assumem na construção do pertencimento local. Assim, investigar a fala saltinhense representa, além de um interesse acadêmico, um compromisso afetivo e social: evidenciar e valorizar a riqueza linguística do município configura-se como uma forma de reconhecimento e de devolutiva à própria comunidade, entendendo sua variedade linguística como patrimônio cultural e como expressão legítima de sua história e identidade.

A relevância do estudo se estende para a contribuição no enfrentamento do preconceito linguístico, ao destacar a importância de respeitar e valorizar as diversas formas de falar presentes em uma comunidade. Ao abordar a variação linguística de forma respeitosa, a pesquisa visa promover a compreensão e a aceitação da diversidade linguística, desafiando estigmas e promovendo uma visão mais inclusiva da língua como um patrimônio vivo e multifacetado.

Dessa forma, este estudo não se limita à descrição do fenômeno linguístico, mas busca explorar sua conexão com as questões identitárias e sociais que permeiam a vida cotidiana dos habitantes de Saltinho, propondo uma reflexão mais ampla sobre

o papel da língua na construção de identidades culturais locais e no enfrentamento das desigualdades sociais que, muitas vezes, se refletem nas falas dos moradores.

Metodologicamente, o trabalho fundamenta-se na Dialetologia Pluridimensional, contemplando as dimensões geográfica e social da variação linguística. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas com informantes de diferentes perfis sociodemográficos, possibilitando a análise quantitativa e qualitativa dos fenômenos observados, através de autorização do Comitê de Ética, sob o número 88916525.5.0000.5564.

Ao articular língua, história, sociedade e identidade, esta dissertação pretende contribuir para os estudos sociolinguísticos e dialetológicos no Sul do Brasil e para o debate acerca da valorização da diversidade linguística. Ao reconhecer o falar regional como patrimônio cultural e simbólico, busca-se não apenas descrever um fenômeno fonológico específico, mas também reafirmar a importância do respeito às múltiplas formas de expressão que constituem o português brasileiro. Assim, compreender o uso dos róticos em Saltinho significa, sobretudo, compreender a língua como expressão viva da memória, da cultura e da identidade de um povo.

1 REGIÃO OESTE DE SANTA CATARINA: FORMAÇÃO TERRITORIAL, IMIGRAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL

A região Oeste de Santa Catarina apresenta uma trajetória histórica marcada por um processo de ocupação relativamente tardio na região Sul do Brasil e por intensas transformações territoriais, sociais e culturais. A ocupação efetiva da área iniciou-se apenas no final do século XIX e consolidou-se no início do século XX, impulsionada por fatores como a exploração de madeira, as disputas territoriais com o estado do Paraná e o projeto de interiorização promovido por companhias colonizadoras (Andrade, 2012).

A região era originalmente habitada por povos indígenas, especialmente dos troncos Jê e Guaraní. No entanto, a presença indígena foi gradualmente reduzida com a chegada dos colonizadores e com os conflitos de posse de terra. A Guerra do Contestado (1912–1916) representou um marco significativo nesse contexto, revelando a tensão entre populações caboclas, empresas colonizadoras e forças do governo federal e estadual (Fonseca, 2005).

Com o fim do conflito, o Estado passou a incentivar a ocupação da região por meio da venda de lotes a imigrantes, muitos deles oriundos do Rio Grande do Sul e do Paraná, descendentes de italianos, alemães e poloneses, que traziam consigo práticas culturais e linguísticas próprias. Assim, a colonização do Oeste catarinense ocorreu de forma heterogênea, refletindo uma multiplicidade de influências étnicas e socioculturais (Pesavento, 2004).

Conforme diversas pesquisas realizadas sobre a região Sul do Brasil e região Oeste de Santa Catarina, esse processo de colonização resultou na formação de comunidades fortemente ligadas à agricultura familiar e à pequena propriedade rural, que se tornaram a base econômica e social da região. A introdução de técnicas agrícolas trazidas pelos imigrantes europeus contribuiu para o desenvolvimento da agroindústria, especialmente voltada à produção de carnes, grãos e derivados de leite. Essa estrutura produtiva consolidou o Oeste catarinense como uma das áreas mais dinâmicas do estado, sendo responsável por grande parte das exportações do setor agropecuário.

Além do aspecto econômico, a diversidade cultural e linguística herdada dos colonizadores e das populações tradicionais contribuiu para a formação de uma

identidade regional própria. As festas comunitárias, a culinária típica e o bilinguismo, como o italiano e alemão — presente em alguns grupos — são exemplos de elementos que expressam essa herança multicultural. Assim, a região Oeste de Santa Catarina se destaca não apenas pelo seu papel econômico, mas também pela riqueza de sua história e pela pluralidade cultural que compõe seu tecido social.

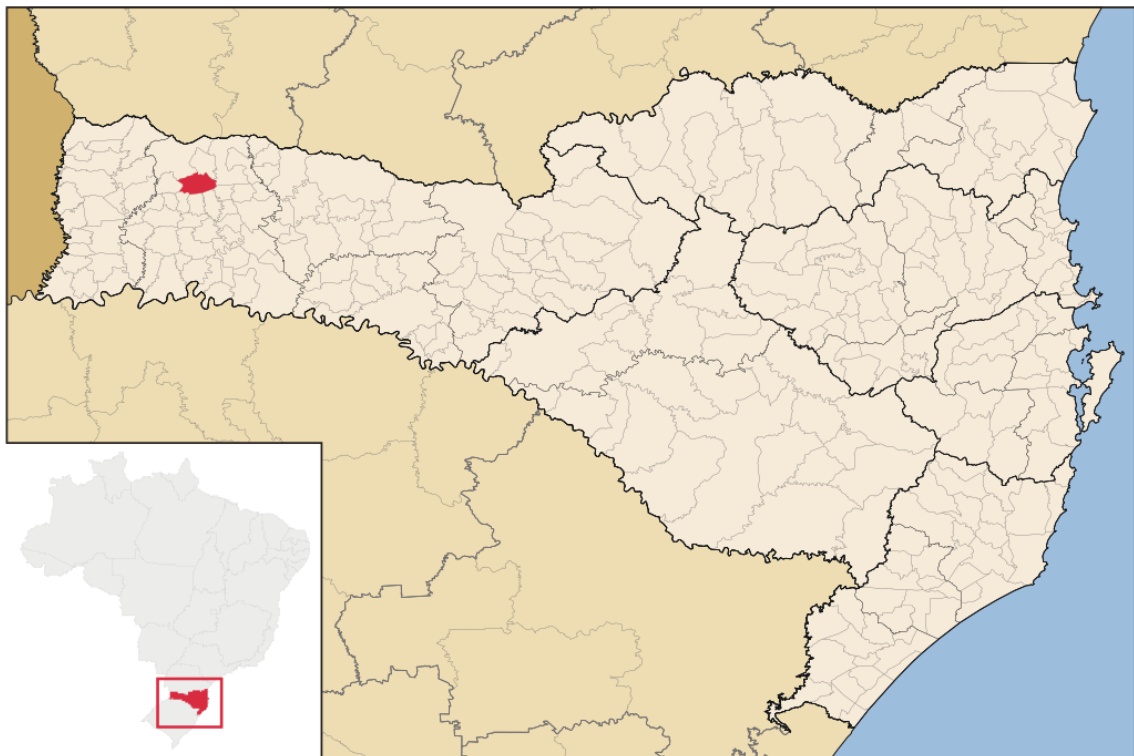
Com base nos mapas abaixo, podemos observar a contextualização da localização exata da região Oeste Catarinense com base no mapa do Estado de Santa Catarina (Figura 1), bem como, a localização do município de Saltinho/SC, localizada no Oeste de Santa Catarina (Figura 2).

Figura 1 – Estado de Santa Catarina – Mesorregiões



Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu (2010)

Figura 2 – Localização do município de Saltinho (SC)



Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu (2010).

O município de Saltinho estabelece relações territoriais e sociais próximas com os municípios que compõem sua região de entorno, como Serra Alta, Campo Erê, Santa Terezinha do Progresso, Modelo e Sul Brasil (Figura 3). Em sua maioria, essas cidades localizam-se a distâncias que variam aproximadamente entre 20 e 30 quilômetros, o que favorece uma intensa circulação de pessoas, seja para trabalho, comércio, serviços ou relações familiares, estabelecendo uma rede de interações e cooperação regional.

Os municípios que compõem a microrregião de Saltinho mantêm intensos fluxos de deslocamento de pessoas, mercadorias, serviços e atividades econômicas, especialmente nas áreas de comércio, saúde, educação e trabalho. Esses deslocamentos cotidianos fortalecem as relações de interdependência entre os municípios, contribuindo para a integração regional e para a constituição de redes sociais e econômicas que ultrapassam os limites administrativos municipais. Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), as cidades estabelecem relações de influência e complementaridade por meio de fluxos de bens, serviços e deslocamentos populacionais, configurando redes urbanas e regionais.

conjugação entre o esforço colonizador, a herança indígena e a influência dos imigrantes europeus resultou em uma região marcada pela diversidade e pela forte ligação com a terra. Essa pluralidade se reflete não apenas nas práticas econômicas e culturais, mas também nas manifestações linguísticas que compõem o modo de falar de seus habitantes. Assim, compreender o contexto histórico e geográfico do Oeste catarinense é fundamental para analisar fenômenos linguísticos locais, como o uso dos róticos na fala desses moradores, que se consolidam como expressões vivas da memória e da identidade regional.

A colonização dessa região foi protagonizada por grupos familiarizados com a agricultura de subsistência e com o modelo da pequena propriedade familiar, o que resultou em uma organização territorial e produtiva marcada por comunidades autossuficientes e intensamente ligadas às suas tradições. As companhias colonizadoras — como a Companhia Colonizadora Sul Brasil — foram fundamentais nesse processo, estruturando núcleos urbanos e incentivando a fixação dos colonos (Dalmolin, 2010).

Segundo Hack (2011), os imigrantes, embora adaptados à nova realidade, mantiveram práticas culturais ligadas às suas origens, como festas religiosas, gastronomia, organização comunitária e o uso de suas línguas maternas — especialmente o dialeto hunsrückisch (alemão) e o talian (italiano). Conforme Altenhofe (2016), o Hunsrückisch é um dialeto de origem germânica derivado, principalmente, do alemão da região de Hunsrück, no sudoeste da Alemanha, introduzido no Brasil por imigrantes alemães a partir do século XIX. Atualmente, é reconhecido como uma das principais línguas de imigração no Sul do país e apresenta variações regionais decorrentes do contato com o português e com outras línguas de imigração. O Talian, de acordo com Frosi (1975), é uma variedade linguística de base vêneta, formada no Brasil a partir do contato entre diferentes dialetos trazidos por imigrantes do norte da Itália, especialmente do Vêneto, Trentino e Friuli. Difundido principalmente nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo. Essas línguas passaram a coexistir com o português, gerando um ambiente multilíngue que marcou profundamente a construção identitária da região.

De acordo com Silva (2016), apesar da imposição do português como língua oficial e da repressão aos idiomas de imigração durante o Estado Novo (1937–1945), muitos traços dessas línguas permaneceram no léxico, na fonética e na sintaxe do

português falado regionalmente, moldando o modo de falar do interior catarinense. Nesse sentido:

Frente a tantas diferenças que se fundiram para constituir o português brasileiro, somos levados a compartilhar da opinião de Nascentes (1953, p.10) de que “falamos diferentemente sem que por isso falemos errado, pois nos exprimimos de acordo com os novos rumores por que marchou no Brasil a língua portuguesa” (Silva, 2016, p. 27).

Para Moreira (2020), é na rusticidade e na mescla de identidades que essa cultura e dialeto se fundem em meio ao Sul do Brasil, apresentando-se como uma analogia própria, fundida em falares e cultura de uma população que desbravou bandeiras e estradas para fixar raízes e disseminar sua cultura. Ainda para o autor:

Essa cultura caipira se apresenta de forma primitiva, eivada de rusticidade, uma mescla de tradições mestiças, de perfil conservador, sem ambições, carente de recursos e um nível mínimo de organização, se vista em paralelo ao modo de viver das populações urbanas economicamente estáveis (Moreira, 2020, p. 58).

Conforme ideias amplamente discutidas na historiografia sobre a colonização do Oeste de Santa Catarina, a análise do processo de colonização no Oeste catarinense revela que as práticas agrícolas, o modo de vida comunitário e a preservação das tradições culturais desempenharam papel essencial na formação da identidade regional. Mesmo diante das adversidades e das transformações políticas, sociais e econômicas, as comunidades colonizadoras conseguiram manter um vínculo profundo com suas origens, transmitindo valores, costumes e formas de expressão que, ainda hoje, caracterizam o cotidiano local. Essa permanência cultural, aliada à forte relação com o território, contribuiu para consolidar um sentimento de pertencimento coletivo e uma identidade marcada pela valorização do trabalho, da fé e da convivência comunitária.

Nesse contexto, a língua e os falares regionais se configuram como importantes testemunhos dessa trajetória histórica. As marcas deixadas pelas línguas de imigração e pela cultura cabocla formam um mosaico linguístico que traduz a pluralidade e a riqueza sociocultural do Sul do Brasil. Essa diversidade, longe de ser um traço de atraso, representa a vitalidade de um povo que, por meio da linguagem, preserva sua memória e reafirma sua identidade diante das mudanças contemporâneas. Assim, o legado da colonização, presente nessas terras, ultrapassa

o aspecto econômico e territorial, projetando-se na dimensão simbólica da cultura e da fala que distinguem o Oeste catarinense.

A formação histórica do município de Saltinho, localizado no Oeste de Santa Catarina, está diretamente relacionada ao processo de ocupação dessa porção do estado, caracterizado pela presença de diferentes grupos populacionais e por intensos movimentos migratórios ao longo do século XX. Antes da chegada dos colonos descendentes de imigrantes europeus, o território era tradicionalmente ocupado por povos indígenas, especialmente os Kaingang, que mantinham estreita relação com a floresta e com os recursos naturais da região. A partir das primeiras décadas do século XX, também se consolidou a presença de populações caboclas, constituídas, em sua maioria, por descendentes da miscigenação entre indígenas, europeus e, em menor proporção, africanos, que desenvolveram modos próprios de vida baseados na agricultura de subsistência, na criação de pequenos animais, no extrativismo da erva-mate e da madeira, bem como na ocupação de terras sob o regime de posse (Renk, 2006; Nodari; Brandt, 2014).

No Oeste catarinense, o termo caboclo refere-se, sobretudo, aos habitantes que ocupavam a região antes da colonização dirigida promovida pelas companhias colonizadoras. Conforme Souza, Bernardi e Santos (2020), os caboclos constituem um grupo social marcado por uma identidade cultural própria, construída por meio de práticas como a agricultura familiar, a religiosidade popular, os conhecimentos tradicionais sobre a terra, a floresta e as plantas medicinais, além de fortes vínculos comunitários. Durante muito tempo, essa população permaneceu invisibilizada pela historiografia regional, que privilegiou as narrativas relacionadas à imigração europeia em detrimento dos grupos que já habitavam o território.

Nesse contexto, a ocupação da área onde atualmente se localiza o município de Saltinho intensificou-se por volta da década de 1940, com a chegada de famílias caboclas provenientes, principalmente, do Planalto Serrano catarinense, especialmente do município de Campos Novos, em busca de novas áreas agricultáveis. Esses primeiros moradores estabeleceram pequenas propriedades rurais voltadas ao cultivo de milho, feijão, mandioca e à criação de suínos, utilizando trilhas e caminhos precários para o deslocamento e para o escoamento da produção, sobretudo em direção ao estado do Paraná (Prefeitura Municipal de Saltinho, s.d.).

Posteriormente, a região passou a receber expressivos contingentes de descendentes de imigrantes italianos e alemães oriundos, principalmente, do Rio

Grande do Sul, atraídos pelos projetos de colonização e pela disponibilidade de terras. Esses grupos contribuíram significativamente para a formação econômica, social e cultural do município, deixando marcas perceptíveis na arquitetura, nas práticas agrícolas, na religiosidade, na gastronomia e, especialmente, nas variedades linguísticas presentes na comunidade. A convivência entre caboclos, descendentes de italianos e descendentes de alemães favoreceu um intenso processo de contato cultural e linguístico, cujos reflexos ainda podem ser observados na fala dos moradores.

De acordo com informações da Prefeitura Municipal de Saltinho, o nome do município faz referência ao curso d'água que atravessa a localidade e às pequenas quedas d'água ("saltos") existentes na região, motivo pelo qual o povoado recebeu inicialmente a denominação de São Sebastião do Saltinho. A emancipação político-administrativa ocorreu em 29 de setembro de 1995, após consulta plebiscitária favorável à criação do município. Atualmente, Saltinho possui cerca de quatro mil habitantes, tendo sua economia fortemente baseada na agricultura familiar, característica que contribui para a manutenção de práticas culturais, costumes e traços linguísticos transmitidos entre gerações. (IBGE, 2022; Prefeitura Municipal de Saltinho, s.d.).

A diversidade étnica decorrente da presença de povos indígenas, caboclos e descendentes de imigrantes europeus constitui um elemento fundamental para compreender a formação histórica e sociolinguística de Saltinho. Nesse cenário de contato entre diferentes grupos sociais e culturais, consolidaram-se práticas linguísticas particulares que, ao longo do tempo, passaram a integrar a identidade da comunidade, aspecto que fundamenta a investigação desenvolvida nesta pesquisa.

Figura 4 – Um dos “Saltos D’água” encontrado no município, na propriedade do Senhor Roni Armando Borhz pertencente ao Rio Saltinho



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Conforme anotações no caderno de campo, um dos traços característicos nesse contexto, a identidade cultural saltinhense manifesta-se, de forma expressiva, na linguagem falada. Um dos traços mais característicos da oralidade local é a presença do <R> retroflexo, variante fonética perceptível em palavras pronunciadas

com um som gutural ou vibrante mais forte, típico de regiões do sul do Brasil. Essa realização fonológica é, muitas vezes, percebida socialmente como um marcador identitário, sendo ora valorizada como símbolo de pertencimento, ora alvo de estigmatização em contextos mais formais ou externos à comunidade.

A permanência desse traço linguístico ao longo das gerações evidencia a força dos vínculos culturais da população com suas origens e com a tradição oral. Além disso, o isolamento geográfico relativo e o predomínio de vínculos comunitários favorecem a manutenção de uma fala regionalizada, tornando a cidade de Saltinho um espaço fértil para estudos de variação e mudança linguística.

Figura 5 – Vista parcial da cidade de Saltinho de um dos pontos mais altos conhecido popularmente por “Cidade Alta”



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

A análise da história e das características socioculturais de Saltinho evidencia que o município constitui um importante exemplo de preservação das tradições regionais e linguísticas do Oeste catarinense. A convivência entre heranças indígenas, caboclas e europeias resultou em uma comunidade cuja identidade se expressa tanto

pelas práticas culturais quanto pela forma de falar. O “estilo de vida caboclo” refere-se ao conhecimento profundo da terra, das plantas medicinais e das técnicas de subsistência na mata. De acordo com Bernardi, Santos e Souza (2020):

O reconhecimento enquanto caboclo vem do seu modo de vida, vem da forma como se relacionam entre si. Está no jeito de plantar, de colher, de se alimentar, de crer e construir suas moradias. Se compreendermos o sentido da palavra etnia, que significa povo, pessoas que partilham dos mesmos costumes e modos de vida, é possível dizer a etnia cabocla da região Oeste catarinense, assim como tantas outras presentes nessa cultura. Santos e Souza, 2020, p. 102.

No estudo sobre Saltinho, entender quem são os caboclos é fundamental, pois, segundo Renk (2004), o termo caboclo foi atribuído pelos colonos às populações que já habitavam o Oeste de Santa Catarina antes da colonização dirigida. A autora ressalta que o processo histórico de ocupação da região contribuiu para a marginalização desses grupos, cujas práticas culturais e modos de vida permaneceram, durante muito tempo, à margem das narrativas oficiais, influenciando a forma como sua identidade foi socialmente construída e representada.

O rótico retroflexo e o rotacismo em determinadas palavras, são marcas linguísticas profundas dessa população, que muitas vezes foi marginalizada socialmente. A manutenção do <R> retroflexo, traço distintivo da fala local, demonstra como a língua funciona como um espelho da memória coletiva e como um elemento de resistência frente à homogeneização cultural. Assim, compreender a formação histórica e a dinâmica linguística de Saltinho é fundamental para valorizar sua singularidade e reconhecer o papel que a língua desempenha na construção da identidade e no fortalecimento do sentimento de pertencimento de seus habitantes.

2 ENTRE ROTAS E VOZES: A INFLUÊNCIA DE BANDEIRANTES E TROPEIROS NA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DO BRASIL

A influência dos tropeiros na produção do <R> caipira no Sul do Brasil é um aspecto interessante e fundamental para entender certas características linguísticas dessa região, especialmente no que se refere à forma de pronunciar a letra “r”. Para compreender essa relação, é necessário primeiro olhar para o contexto histórico e cultural dos tropeiros e como suas práticas influenciaram as comunidades no interior, especialmente no Sul.

É válido ressaltar que:

A compreensão detalhada desse fenômeno não seria possível sem a contribuição de estudos da Dialectologia e da Geolinguística. Os atlas linguísticos têm sido cruciais para identificar a extensão territorial desse rótico e revelar as suas dinâmicas linguísticas, permitindo o rastreamento dos seus contextos de formação, preservação e transformação e têm contribuindo para corroborar a hipótese de que essa variante teria nascido e se irradiado durante o período das bandeiras no Brasil (Silva, 2025 p.40).

Os bandeirantes e tropeiros tiveram papel fundamental na formação histórica, econômica e cultural do território brasileiro. Os bandeirantes, atuantes principalmente entre os séculos XVI e XVIII, eram grupos de exploradores que, partindo sobretudo de São Paulo, adentravam o interior do país em busca de riquezas minerais, terras e pessoas indígenas para escravização. Já os tropeiros surgiram a partir do século XVIII, responsáveis pelo transporte de mercadorias, animais e produtos agrícolas entre diferentes regiões, contribuindo para o desenvolvimento do comércio interno e para a integração de áreas distantes. Ambos os grupos deixaram marcas profundas na configuração territorial, nas rotas de povoamento e na diversidade cultural e linguística do Brasil.

As incursões bandeirantes, iniciados no século XVI e intensificadas nos séculos XVII e XVIII, tiveram como principais objetivos a captura de indígenas, a expansão territorial e a busca por riquezas minerais. Esses movimentos partiam, em sua maioria, de São Paulo, conectando a capitania de São Vicente a territórios como Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás e Paraná. Durante o ciclo de ouro, que marcou o apogeu das bandeiras, as rotas de exploração se consolidaram, permitindo a disseminação de características culturais e linguísticas paulistas, incluindo o /r/ retroflexo que emergiu como uma marca fonética nas variedades rurais das regiões interioranas (Silva, 2025, p. 220).

Durante o primeiro ciclo das expedições bandeirantes, período marcado pela exploração do interior do território e pela captura de povos indígenas, estabeleceu-se um contato intenso entre o português falado pelos colonizadores e as diversas línguas indígenas, especialmente as de tronco tupi. Essa convivência linguística, motivada tanto por relações de dominação quanto de convivência cotidiana, resultou em um processo de trocas fonéticas, lexicais e culturais. A língua portuguesa, ao se misturar às línguas nativas autóctones indígenas, sofreu influências que contribuíram para a formação de variantes regionais e para a consolidação de traços característicos do português falado no Brasil.

Nesse contexto, estudiosos como Amadeu Amaral (1920), aponta hipoteticamente a possibilidade de que o contato entre o português e as línguas de matriz tupi tenha favorecido o surgimento de certos traços inovadores na fonologia do português brasileiro, como o “r retroflexo”. Essa hipótese se sustenta na observação de que o tupi não apresentava os fonemas /l/ e /r/ em posição de coda, o que pode ter levado os falantes indígenas, ao aprender o português, a adaptar esses sons por meio de articulações distintas. Assim, o fenômeno do “r retroflexo” pode ser compreendido como um reflexo das estratégias articulatórias desenvolvidas durante o processo de contato interlinguístico, evidenciando como a história de formação da língua no Brasil está profundamente ligada à interação entre diferentes povos e culturas.

Os tropeiros eram homens que conduziam tropas de animais, geralmente bois ou mulas, para o transporte de mercadorias, especialmente durante o período colonial e imperial. Eles desempenhavam um papel crucial na economia brasileira, ligando diversas regiões do país, como o Sul e o Centro-Oeste, ao restante do Brasil e até ao exterior. Esse trabalho envolvia longas viagens, atravessando vastas áreas e conectando cidades distantes.

É nesse cenário que realmente se instaura o início da ocupação das terras sulistas; é graças às mulas que muitos povoamentos se formaram e deram origem a prósperas cidades atuais como é o caso, por exemplo, de Passo Fundo, Lages e Ponta Grossa. O tropeiro, plantador de cidades, muito fez, sem saber, para o que a Região Sul é hoje, tendo sua parcela na miscigenação existente na raça e na cultura, pois, por onde passavam, fosse negociando mercadorias ou conduzindo animais, deixavam um pouco de si (Chofard, 2023, p. 28).

Os tropeiros não apenas desempenhavam um papel econômico vital, mas também espalhavam e trocavam influências culturais entre as diversas regiões que percorriam. Além disso, muitos desses homens eram originários de diferentes partes do Brasil e até de outros países, o que contribuiu para uma diversidade linguística.

À medida que os tropeiros expandiam suas rotas pelo território brasileiro, transportando mercadorias, animais e produtos entre diversas regiões, acabaram por desempenhar um papel significativo na difusão cultural e linguística do país. Suas viagens constantes e os contatos estabelecidos com diferentes comunidades possibilitaram a troca de costumes, práticas e modos de falar, o que contribuiu para a formação de traços linguísticos regionais específicos. Em muitas localidades, inclusive em nossa região, é possível identificar resquícios dessa presença tropeira, seja em

expressões do vocabulário popular, na entonação da fala ou em manifestações culturais que remetem a esse período histórico. Dessa forma, a atuação dos tropeiros ultrapassou a dimensão econômica, deixando marcas duradouras na identidade linguística e cultural brasileira.

O som do <R> no português falado no interior do Brasil, especialmente na zona rural do Sul, é um dos traços mais marcantes do dialeto caipira. Em muitas regiões do Sul, especialmente em estados como Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o <R> caipira tem características distintas que podem ser rastreadas até as práticas e mobilidade dos tropeiros.

Do mesmo modo que a colonização ocorreu no Brasil pela parte leste, os tropeiros também abriram seus primeiros caminhos próximos ao litoral, saindo do extremo Sul, subindo e descendo serras, cruzando campos e rios até adentrarem o território paulista, onde faziam sua última parada às margens do Rio Sorocaba, negociavam seus animais nas feiras sorocabanas e tornavam a descer para que, no ano seguinte, conseguissem rumar ao norte mais uma vez. Contudo, com o passar do tempo esses caminhos foram mudando, seguindo cada vez mais para Oeste, decorrente, a princípio, da tentativa de fugir dos postos fiscais implantados pela Coroa e, depois, pela circunstância da expulsão dos jesuítas, visando, dessa forma, habitar o território conquistado. Com isso, ao longo das rotas das tropas muitos paulistas iam se sedentarizando, construíam uma capela e abriam pequenos comércios para atender às necessidades dos viajantes, dando vida ao território que por muito tempo foi inexplorado (Chofard, 2023, p. 28).

Como os tropeiros viajavam por várias regiões, tinham contato com diversos grupos e, por vezes, passavam por áreas de difícil acesso, onde a comunicação era menos padronizada, e as trocas culturais e linguísticas entre os tropeiros e as populações locais eram constantes. Isso gerava uma variação no uso do <R>, dependendo de quem estava falando e de onde vinha. Em algumas regiões, por exemplo, é possível que o <R> tenha passado a ser produzido com articulação retroflexa, em um processo de adaptação decorrente do contato entre diferentes grupos de falantes.

O isolamento das comunidades rurais no Sul, aliado ao movimento constante dos tropeiros, permitiu que o dialeto caipira fosse preservado por mais tempo em algumas regiões. O <R> caipira, nesse contexto, não só se consolidou como uma marcação de identidade cultural, mas também como um vestígio do contato histórico com os tropeiros e com suas formas de expressão.

A influência dos tropeiros na produção do <R> caipira no Sul do Brasil pode ser vista como um reflexo das condições históricas, culturais e sociais das populações

que viveram no interior, com sua mobilidade, isolamento e contato com diferentes regiões. O som do <R> caipira, com suas variações guturais e simplificadas, carrega a marca desse passado, sendo um dos elementos centrais da identidade linguística do Sul do Brasil.

No Sul do país, embora o ciclo do ouro não tenha exercido um papel determinante, práticas como o tropeirismo e os movimentos migratórios internos favorecem a difusão e a manutenção do retroflexo no estado do Paraná e em pontos específicos de Santa Catarina. No entanto, no Rio Grande do Sul, a influência de línguas de imigração europeia e outros fatores sociolinguísticos contribuíram para a limitação dessa variante fonética (Silva, 2025, p. 238).

A língua, como afirma Hall (2003), é um dos principais elementos de construção da identidade cultural, pois é por meio dela que os indivíduos se situam no mundo e se reconhecem como membros de uma coletividade. No Oeste de Santa Catarina, o contato histórico entre populações caboclas, descendentes de italianos e descendentes de alemães contribuiu para a formação de uma comunidade linguística marcada pela diversidade cultural. Nesse contexto, algumas variantes fonológicas, como o rotacismo investigado nesta pesquisa, podem assumir valor identitário, sendo associadas à história de ocupação e às práticas linguísticas da comunidade, aspecto que será analisado ao longo deste estudo.

Conforme o Atlas linguístico e Etnográfico da Região Sul – ALERS:

Em Santa Catarina, a variante retroflexa foi registrada em 23 dos 80 pontos investigados. Embora menos frequente que no Paraná, sua presença se concentra em áreas específicas, como Chapecó, na microrregião Colonial do Oeste Catarinense, único ponto catarinense a apresentar o /r/ retroflexo em todas as cinco cartas. Outras localidades com registros significativos incluem as microrregiões do Planalto de Canoinhas, Colonial Rio do Peixe e Campo dos Curitibanos. A região do Planalto de canoinhas, que faz divisa com o sul do Paraná, apresenta a maior concentração da variante em Santa Catarina, enquanto as demais áreas citadas estão em proximidade geográfica com o Paraná. Essa configuração sugere que a expansão do retroflexo para o estado catarinense possa ter sido influenciada pela proximidade e pelo contato com áreas do Paraná onde o fenômeno é predominante (Silva, 2025, p. 235-236).

Uma das características mais marcantes da região Sul do Brasil, quando comparada a outras regiões do país, é sua expressiva diversidade étnica, cultural e linguística. Essa configuração resulta dos sucessivos processos de ocupação e colonização, que promoveram o contato entre populações indígenas, caboclas e diferentes grupos de imigrantes europeus, especialmente italianos, alemães e

poloneses. As interações estabelecidas entre esses grupos contribuíram para a constituição de um patrimônio cultural plural, perceptível nos modos de vida, nas práticas agrícolas, na religiosidade, na gastronomia e nas variedades linguísticas presentes na região. No Oeste catarinense, essa diversidade manifesta-se também na fala dos habitantes, evidenciando que a língua constitui um importante elemento de preservação da memória histórica e da identidade sociocultural das comunidades

3 REVISÃO DE LITERATURA

A fundamentação teórica deste trabalho organiza-se a partir da interseção entre a língua, a constituição de identidades e o espaço geográfico. Compreender a variação linguística em uma comunidade, como a de Saltinho/SC, exige uma abordagem que considere a língua não apenas em sua estrutura formal, mas como um organismo vivo, moldado por processos históricos e relações socioculturais. Para tanto, esta revisão percorre inicialmente os conceitos contemporâneos de identidade e diferença, estabelecendo a fala como um marcador de pertencimento e resistência. Em seguida, os aportes da Dialetologia são mobilizados para contextualizar como os atlas linguísticos permitem rastrear a origem e a difusão de variantes, como o rótico retroflexo, correlacionando o uso da língua às dinâmicas de ocupação territorial e aos fluxos migratórios que definem a formação social do interior catarinense.

3.1 OS DIFERENTES CONCEITOS DE IDENTIDADE: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E IMPLICAÇÕES SOCIAIS

O conceito de identidade ocupa posição central nas discussões das Ciências Humanas e dos estudos linguísticos contemporâneos, especialmente quando se busca compreender como os indivíduos se constituem em contextos sociais, históricos e culturais específicos. Para Hall (2006), a identidade não deve ser entendida como uma condição fixa ou essencial, mas como uma construção social contínua, produzida nas relações estabelecidas entre os sujeitos e os diferentes contextos culturais dos quais participam. Nessa perspectiva, a linguagem desempenha papel fundamental, pois constitui um dos principais meios pelos quais os indivíduos constroem, expressam e negociam suas identidades.

No campo da Sociolinguística, a identidade cultural manifesta-se também por meio das práticas linguísticas, uma vez que as diferentes formas de falar refletem processos de pertencimento, diferenciação e interação social. Conforme Labov (2008), a variação linguística não ocorre de maneira aleatória, estando condicionada por fatores sociais, geográficos e culturais que influenciam as escolhas linguísticas dos falantes. De modo semelhante, Calvet (2002) ressalta que a língua constitui um importante marcador das relações sociais, refletindo as dinâmicas de contato entre

grupos e as transformações culturais vivenciadas pelas comunidades ao longo do tempo.

Sob essa perspectiva, investigar fenômenos linguísticos, como a realização dos róticos na fala dos moradores de Saltinho (SC), implica compreender a língua não apenas como um sistema estruturado de comunicação, mas também como um espaço de produção, preservação e expressão de identidades sociais e culturais. Na perspectiva da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, proposta por Thun (2009), as variantes linguísticas constituem importantes indicadores das relações estabelecidas entre os falantes, permitindo identificar influências decorrentes da distribuição geográfica, das diferenças geracionais, dos níveis de escolaridade, do sexo e das interações sociais presentes em determinada comunidade.

Nesse contexto, destaca-se ainda uma particularidade observada na fala da população de Saltinho: a recorrente substituição da lateral alveolar // pela vibrante /r/ em determinadas palavras, como em calça pronunciada como carça. Esse fenômeno, conhecido na literatura linguística como rotacismo, é reconhecido como uma das variantes fonológicas do português brasileiro e encontra-se documentado em diferentes regiões do país (Bagno, 1999; Callou; Leite, 2002). No âmbito desta pesquisa, parte-se do pressuposto de que essa realização fonológica ultrapassa sua dimensão estritamente estrutural, podendo também constituir um elemento associado à identidade linguística dos moradores de Saltinho, hipótese que será analisada à luz dos fatores sociais, históricos e geográficos que caracterizam a comunidade investigada.

O conceito de identidade tem ocupado posição central nas discussões das ciências humanas e linguísticas contemporâneas, especialmente quando se busca compreender como os indivíduos se constituem em contextos socioculturais específicos. Na área dos estudos linguísticos, a noção de identidade cultural permite analisar de que forma as práticas de linguagem, as escolhas fonéticas e os modos de falar se relacionam com processos simbólicos mais amplos de pertencimento e diferenciação.

Essa variação fonológica se mostra especialmente significativa quando comparada às cidades vizinhas, nas quais tal fenômeno não é observado com a mesma frequência ou, em muitos casos, sequer ocorre. Essa diferença pode estar relacionada aos processos históricos de formação da comunidade e às especificidades de sua colonização, que contribuíram para moldar características

próprias no falar local. Dessa forma, tais marcas linguísticas acabam por se consolidar como elementos distintivos da identidade saltinhense, funcionando como traços que singularizam a comunidade em relação às demais localidades da região.

As diferentes formas que empregamos ao falar e ao escrever dizem, de certa forma, quem somos: dão pistas a quem nos ouve ou lê sobre (i) o local de onde viemos, (ii) o quanto estamos inseridos na cultura letrada de nossa sociedade, (iii) quando nascemos, (iv) com que grupo nos identificamos, entre várias outras informações (Coelho *et al.*, 2015 p. 25).

Como argumenta Silva (2000), a identidade e a diferença são construções sociais e discursivas. Elas não são essências naturais ou propriedades fixas do indivíduo, mas efeitos de processos históricos, culturais e de poder. Nesse sentido, a identidade linguística de uma comunidade emerge de práticas simbólicas que refletem e produzem modos de ser e de se reconhecer, dentro e fora de determinados grupos sociais.

A partir das contribuições de Silva (2000), pode-se compreender que a identidade é relacional: só se define em oposição ao outro. Ser algo implica não ser outra coisa. Assim, afirmar-se “morador de Saltinho” ou “falante do <R> retroflexo” é, simultaneamente, uma forma de se distinguir de outros grupos, esses de cidades vizinhas, com distância de 20km a 30km, que não compartilham da mesma prática linguística. Essa concepção rompe com visões essencialistas, segundo as quais a identidade seria uma característica natural e estável do sujeito. Ao contrário, trata-se de uma construção simbólica constantemente alterada por meio da linguagem e das relações de poder.

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e da diferença. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade (Silva, 2000, p. 83).

Essa perspectiva dialoga com Hall (2003), para quem as identidades são sempre “formadas ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência desde o nascimento” (Hall, 2003 p. 38). Elas são, portanto, posições assumidas pelos indivíduos em diferentes manifestações culturais.

No campo linguístico, isso significa que as formas de fala não são neutras: carregam valores simbólicos que podem expressar identidade, resistência ou estigma.

Em complemento, Bauman (2005) caracteriza a identidade, na modernidade líquida, como algo fluido e instável, sujeita a constantes reformulações. Em um mundo de mobilidades e mudanças sociais, as identidades se tornam provisórias, plurais e híbridas. Essa compreensão permite pensar a variação linguística — como a presença do <R> retroflexo — não como erro ou desvio, mas como expressão legítima da multiplicidade de formas de identificação cultural.

A reflexão sobre identidade e diferença também envolve relações de poder. Silva (2000) destaca que a definição da identidade é sempre marcada por disputas simbólicas: quem tem o poder de nomear e classificar o outro tem o poder de determinar o que é considerado legítimo ou desviante. No caso das identidades linguísticas, isso se manifesta nos processos de prestígio e estigmatização. Certos modos de falar são socialmente valorizados — frequentemente associados à norma culta ou às variedades urbanas centrais —, enquanto outros são marginalizados, como é o caso de algumas pronúncias regionais.

Bourdieu (2007) observa que a língua é um “mercado simbólico” em que os usos linguísticos são avaliados de acordo com o valor social atribuído a eles. Assim, o uso do <R> retroflexo pode ser visto, por alguns, como traço de uma fala “rural” ou “não padrão”; mas, sob outra perspectiva, representa um marcador identitário que reforça o sentimento de pertencimento e a herança cultural de uma comunidade específica. A identidade linguística, nesse sentido, torna-se um espaço de resistência às normas hegemônicas e à padronização da linguagem. No caso do <R> retroflexo, em Saltinho, a variante fonológica adquire um valor simbólico ao ser reconhecida pelos próprios falantes como traço distintivo de sua comunidade. Ainda que essa forma de pronúncia possa ser estigmatizada em contextos formais ou urbanos, em ambientes comunitários, ela funciona como um símbolo de pertencimento, reforçando a ligação entre linguagem, memória e território.

Conforme destaca Calvet (2002), as atitudes em relação à língua revelam mais do que julgamentos técnicos sobre a gramática: traduzem visões de mundo, preconceitos sociais e formas de dominação simbólica. Portanto, ao investigar o <R> retroflexo, não se trata apenas de descrever uma realização fonológica, mas de compreender como ela se identifica no coletivo local, como é socialmente percebida e que papel desempenha na constituição da identidade regional.

Woodward (2000) reforça essa relação ao afirmar que a identidade se constrói por meio da diferença e que “a marcação da diferença é o processo fundamental pelo qual os significados culturais são produzidos” (Woodward, 2000, p. 39). A diferença linguística, portanto, não é um obstáculo à comunicação, mas um recurso de expressão simbólica que produz sentido e pertencimento. Ao pronunciar o <R> retroflexo, o falante expressa mais do que um som: ele evoca uma história, uma origem, um modo de estar no mundo.

Mais do que tolerar a diferença, é preciso reconhecê-la como constitutiva das identidades. Como propõe Silva (2000), pensar a identidade é pensar a diferença — e, nesse gesto, repensar também as relações de poder que definem o que é considerado “correto” ou “legítimo” no falar.

3.2 ENTRE SONS E IDENTIDADES: O <R> COMO MARCA DA PLURALIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA

A língua portuguesa, assim como qualquer língua natural, constitui um sistema dinâmico em constante transformação, resultado de processos históricos que envolvem mudanças fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas ao longo do tempo (Coutinho, 1976; Faraco, 2005). No contexto brasileiro, essas transformações foram intensificadas pelo contato entre diferentes povos e línguas, incluindo as variedades do português europeu, as línguas indígenas, as línguas africanas e, posteriormente, as línguas de imigração, conferindo ao português brasileiro características próprias (Castilho, 2010; Mattos e Silva, 2004). Entre os fenômenos fonéticos que mais se destacam nesse processo estão as diferentes realizações do fonema /r/, cuja distribuição varia de acordo com fatores históricos, geográficos e sociais, configurando um dos aspectos mais marcantes da diversidade linguística brasileira (Callou; Leite, 2002; Silva, 2014). Dessa forma, o estudo das variantes róticas ultrapassa a descrição fonético-fonológica, permitindo compreender os processos de mudança linguística, de contato entre variedades e de construção das identidades sociolinguísticas. Como observa Labov (2008), as variantes linguísticas constituem importantes indicadores das relações sociais e culturais estabelecidas pelos falantes, razão pela qual a análise do <R> no português brasileiro contribui para compreender tanto a história da língua quanto a diversidade que caracteriza as comunidades linguísticas do país.

Historicamente, o sistema fonológico do português herdou do latim dois tipos principais de realizações do <R>: o vibrante simples [r] e o vibrante múltiplo [r̃]. No português europeu medieval, essas variantes tinham distribuição complementar: o [r] ocorria em posição inicial de palavra e em contextos geminados (como em carro), enquanto o [r̃] aparecia em posição intervocálica (como em caro). Esse padrão manteve-se relativamente estável até o período das grandes navegações, quando o português se expandiu para diferentes territórios, levando consigo um sistema fonético que, embora compartilhado, passou a se modificar conforme o contato com outras línguas e variedades regionais.

Com o processo de colonização e a consequente interiorização da população portuguesa, o português falado no Brasil passou a interagir com um amplo conjunto de línguas indígenas e, posteriormente, africanas. Essa convivência linguística gerou uma série de adaptações articulatórias e fonológicas que contribuíram para o surgimento de novas variantes do <R>.

A constituição do português brasileiro (PB) teve início já no século XV, mas foi somente a partir do século XVIII que o PB passou a se distanciar do português europeu e assumir traços e características distintas, formando dessa maneira sua identidade e se constituindo enquanto língua mais independente com a sua realidade de contatos linguísticos em território brasileiro (Horst; Restelli, 2023, p. 8).

Atualmente, o português do Brasil apresenta grande diversidade nas realizações do <R>, que variam conforme fatores regionais, sociais e estilísticos. De modo geral, podemos distinguir dois contextos principais: o <R> em posição de coda (ou seja, final de sílaba) e o <R> em posição de ataque (inicial ou intervocálica).

/r/ em posição de ataque:

Em início de palavra (rato, rua) ou após consoante (prato, grito), o /r/ tende a ser produzido como fricativa velar [x], fricativa uvular [χ] ou fricativa glotal [h], dependendo da região. No Rio de Janeiro e em partes do Nordeste, predomina a variante aspirada [h]; já no Sul e Sudeste, são comuns as realizações mais fortes, próximas da fricativa velar [x].

/r/ em posição de coda:

Quando ocorre no final de sílaba (porta, ar), o /r/ apresenta ainda mais variação. No interior de São Paulo, Minas Gerais e Goiás, é frequente o r retroflexo [ɻ], produzido com o dorso da língua curvando-se levemente para trás. Já em regiões como Rio de Janeiro e Recife, prevalece a forma aspirada [h]. Em parte do Sul e do Norte, o /r/ é, muitas vezes, alveolar [r], semelhante ao som de /r/ intervocálico.

Essa multiplicidade de realizações evidencia a complexidade do sistema fonético do português brasileiro, no qual a variação não é apenas tolerada, mas se torna um marcador identitário.

A variação do /r/ não é apenas um fenômeno fonético; ela também reflete questões de identidade e prestígio social. Determinadas pronúncias são frequentemente associadas a grupos específicos, sendo, por vezes, alvo de preconceito linguístico. O /r/ retroflexo, por exemplo, típico de regiões interioranas do Sudeste, é comumente estigmatizado em contextos urbanos, onde predomina a variante aspirada [h]. Essa valorização desigual das variantes demonstra como fatores extralinguísticos — como classe social, escolaridade e local de origem — influenciam a percepção e o julgamento sobre as formas de fala.

[...] cabe destacar que a disputa entre as variantes, tende a privilegiar, sempre, as variantes de prestígio (Tarallo, 2007). Dessa forma, os meios de comunicação mostram-se um importante influenciador, pois depreendem maior status a determinada variante e influenciam seu emprego como “correto”. Ademais, “acredita-se que muitos brasileiros, vindo na elite muito luxo e poder, provavelmente, têm tentado imitar a vibrante uvular [R] em detrimento de outras variantes, fato que pode ter desencadeado o surgimento do fone fricativo para o fonema /r/” (Curioletti, 2014, p. 31). Em complementaridade a essa afirmação, percebe-se que atualmente a variante mais prestigiada é a fricativa alveolar desvozeada [x] (Callou; Leite, 2013, apud Curioletti, 2014). Dessa forma, pode-se perceber que a variabilidade presente no português brasileiro é vasto, e aplica-se ao fonema /r/. Mesmo quando analisamos um fenômeno de maneira isolada, as regularidades da língua se aplicam e são percebidas, assim como os juízos de valor que são depreendidos sobre ela (Horst; Restelli, 2023, p. 9).

Autores como Bagno (1999) e Lucchesi (2001) apontam que essas distinções reforçam a necessidade de compreender a língua como fenômeno social e histórico, e não como um sistema homogêneo. Assim, o estudo das realizações do <R> ajuda a revelar como o português brasileiro é plural, dinâmico e fortemente marcado por contextos de contato e mobilidade.

O estudo das variantes do fonema <R>, no português brasileiro, revela um amplo panorama sociolinguístico que ultrapassa as fronteiras da fonética e adentra o

campo das identidades culturais, regionais e sociais. O modo como o <R> é pronunciado, seja em posição inicial, medial ou final, tornou-se um dos principais marcadores dialetais do país. A diversidade de suas realizações — retroflexa, tepe, uvular, aspirada ou gutural — reflete a heterogeneidade sociocultural que caracteriza o Brasil. Como afirmam Callou, Leite e Moraes (1996, p. 30), “o <R> é um dos segmentos mais variáveis do português, sendo sua realização fortemente condicionada por fatores linguísticos e sociais”.

A diversidade de realizações fonéticas do fonema <R> no português brasileiro está associada não apenas a fatores linguísticos, mas também às avaliações sociais atribuídas às diferentes variantes pelos próprios falantes. Conforme Labov (2008), a variação linguística constitui um fenômeno inerente às línguas naturais, sendo influenciada por fatores sociais, históricos e geográficos, que frequentemente conferem maior ou menor prestígio a determinadas formas de falar. No contexto brasileiro, marcado por profundas desigualdades regionais e sociais, determinadas variantes fonológicas passaram a ser socialmente valorizadas, enquanto outras foram estigmatizadas e associadas, de maneira preconceituosa, às populações rurais, ao interior do país ou aos grupos com menor escolarização (Bagno, 1999; Bortoni-Ricardo, 2004). Nesse cenário, o chamado “r caipira”, assim como outras realizações dos róticos, ultrapassa sua função estritamente fonético-fonológica, constituindo-se também como um marcador de identidade social, regional e cultural. Como observa Calvet (2002), as escolhas linguísticas dos falantes refletem relações de poder e pertencimento, evidenciando que a língua é, simultaneamente, um sistema de comunicação e um importante instrumento de construção das identidades individuais e coletivas.

No português brasileiro, as realizações do <R> variam conforme o contexto fonético e geográfico. Em posição inicial de palavra (como em rato), predominam realizações fortes, como o uvular [ʁ] ou o fricativo velar [x], especialmente nas variedades do Rio de Janeiro e do Sul. Já em posição final de sílaba (porta, amor), o espectro é mais amplo, variando do tepe [r] ao retroflexo [ɻ], passando por realizações fricativas e aspiradas. De uma forma objetiva, Silva (2016) aponta:

[...] as vibrantes são realizadas a partir da vibração da ponta da língua contra a região dental/alveolar ou a partir da vibração da úvula contra a região dorsal da língua. As fricativas resultam de uma estreita constrição em algum ponto específico do trato vocal (nas fricativas velares, há uma fricção na parte posterior da língua no palato mole; nas fricativas glotais, a fricção é causada

por movimentos dos músculos da glote). Os tepes são resultado de um breve contato entre a ponta da língua e a região dental ou alveolar. As aproximantes, por sua vez, são produzidas pela aproximação dos articuladores. As aproximantes alveolares, por exemplo, são resultado da aproximação do ápice/lâmina da língua e os alvéolos, já as aproximantes retroflexas resultam da realização do som com a ponta da língua voltada para a parte posterior do trato vocal. Em outros termos, a língua flexiona-se para trás e sua superfície se aproxima do céu da boca, particularidades que aproximam o som desse rótico a descrições já feitas para o /r/ retroflexo do inglês norte-americano (Silva, 2016, p. 31).

Segundo Silva (2010, p. 142), “a diversidade de realizações róticas, no português do Brasil, constitui um dos traços fonéticos mais distintivos entre as regiões do país”. Essa variação não é aleatória, mas sistemática e motivada por fatores como posição na palavra, origem histórica, contatos linguísticos e dinâmicas de prestígio social. Em contextos de forte mobilidade social ou contato inter-regional, observa-se frequentemente o abandono de variantes locais em prol de variantes consideradas mais neutras ou prestigiosas.

O <R> retroflexo ([ɻ]), característico do chamado “dialeto caipira”, é um dos casos mais emblemáticos de estigmatização linguística no Brasil. Historicamente associado às regiões interioranas de São Paulo, Minas Gerais e Paraná, esse traço fonético é frequentemente percebido como índice de rusticidade ou falta de instrução.

Assim, o <R> retroflexo, ainda que alvo de preconceito em contextos urbanos e formais, mantém-se como elemento de identidade cultural e resistência regional, expressando vínculos com o interior e com modos tradicionais de fala.

3.3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO E RESISTÊNCIA CULTURAL

Embora o falar regional do Oeste catarinense represente um patrimônio imaterial de grande valor cultural e histórico, ele ainda é, com frequência, alvo de preconceito linguístico, sobretudo em contextos educacionais e institucionais, nos quais a norma-padrão tende a ser valorizada como única forma legítima de uso da língua. Conforme destaca Bagno (1999), o preconceito linguístico funciona como um mecanismo de exclusão social e cultural, ao desqualificar variedades linguísticas que não se ajustam aos padrões normativos. Em muitos casos, esse estigma pode ser reproduzido pelos próprios falantes, que, influenciados por discursos sociais de valorização da norma culta, passam a avaliar negativamente seu próprio modo de falar.

No entanto, percebe-se que esse julgamento é frequentemente reforçado por pessoas que não convivem cotidianamente com essa realidade linguística, especialmente por indivíduos provenientes de outras regiões ou contextos de colonização distintos. No caso específico de Saltinho, observa-se que determinadas características do falar local, como a troca do /l/ pelo /r/, muitas vezes, são alvo de comentários e estigmatizações por parte de moradores de cidades vizinhas. Esse tipo de percepção externa contribui para a construção de estereótipos sobre o modo de falar da comunidade, evidenciando como as relações sociais e regionais também influenciam a forma como as variantes linguísticas são avaliadas e compreendidas.

Por outro lado, observa-se também um movimento de resistência e valorização desses traços linguísticos em iniciativas culturais, festividades locais e discursos de afirmação identitária. O reconhecimento da riqueza linguística da região tem ganhado espaço nas universidades, nos materiais escolares regionalizados e nas políticas de preservação cultural.

Não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta” que outra. Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. [...] Toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares (Bagno, 2009, p. 47).

Assim, o uso de variantes como o <R> retroflexo, longe de ser apenas um traço fonético, revela-se como um elemento simbólico de resistência, continuidade e orgulho cultural para as comunidades do interior catarinense. Segundo Curioletti (2014), essas variações estão condicionadas a fatores extralinguísticos, como ponto geográfico, contexto social, idade do falante, descendência étnica, dentre outros fatores.

Todos temos marcas fonético-fonológicas que marcam nosso dialeto de origem, como a pronúncia de vogais ou consoantes de maneira específica e também marcas prosódicas que identificam nosso sotaque, como a maneira com que pronunciamos nossas frases (Othero, 2017, p. 98).

Cada indivíduo carrega traços únicos que refletem sua origem e identidade linguística. Esses elementos fonético-fonológicos e prosódicos revelam a diversidade presente na língua e evidenciam que não existe uma única forma “correta” de falar, mas sim diferentes maneiras de expressar-se conforme o contexto social, regional e

cultural. Além disso, compreender essas marcas linguísticas é fundamental para valorizar a pluralidade da língua portuguesa e reconhecer o papel que a variação desempenha na construção das identidades e das relações entre os falantes.

O cenário linguístico brasileiro caracteriza-se por uma ampla diversidade de variedades linguísticas, não sendo possível conceber o português falado no Brasil como uma realidade homogênea ou uniforme. Ao contrário, a língua portuguesa apresenta diferentes formas de realização que variam conforme fatores históricos, geográficos, sociais e culturais, refletindo a própria diversidade que constitui a sociedade brasileira. Conforme Bagno (1999), a ideia de uma única forma "correta" de falar corresponde a uma construção social associada ao prestígio da norma-padrão, enquanto as demais variedades, embora igualmente sistemáticas e legítimas, são frequentemente alvo de discriminação e preconceito linguístico. Para Faraco (2008), essa heterogeneidade constitui uma característica inerente às línguas naturais e não representa um desvio ou empobrecimento da língua, mas uma manifestação de sua dinâmica histórica e social.

Nesse contexto, é importante reconhecer que o domínio da variedade linguística de prestígio — denominada norma-padrão ou variedade culta — desempenha papel relevante na inserção dos indivíduos em diferentes esferas da vida social, especialmente na educação, no mercado de trabalho e nas instituições públicas. Como destaca Bortoni-Ricardo (2004), o acesso à variedade de prestígio amplia as possibilidades de participação social e de mobilidade dos falantes. Entretanto, essa valorização não deve implicar a desqualificação das demais variedades linguísticas, uma vez que todas possuem organização estrutural própria e cumprem plenamente suas funções comunicativas nos contextos em que são utilizadas.

Esses pressupostos são particularmente relevantes para esta pesquisa, uma vez que permitem compreender o rotacismo observado na comunidade de Saltinho (SC) não como um "erro" de pronúncia, mas como uma variante linguística inserida em um contexto histórico, social e cultural específico. Nessa perspectiva, o estudo da variação linguística contribui para superar visões prescritivas sobre a língua e para reconhecer a legitimidade das diferentes formas de falar que compõem a diversidade do português brasileiro.

Aceitar que nosso país apresenta diferenças fonéticas, morfológicas e sintáticas na fala já é o que mais de natural ocorre, ou que pelo menos deveria ocorrer,

uma vez que sabemos que o preconceito linguístico ainda é bem visível no Brasil, como por meio de brincadeiras ou de estereótipos de personagens em programas midiáticos. Nessa perspectiva, Dias e Gomes (2013) abordam:

Todos nós, brasileiros, falamos a mesma língua portuguesa, que é o nosso vernáculo de comunicação. Isso não significa que falamos, todos, da mesma forma. Certamente temos diferentes falares. Aquele que mora na Bahia não fala igual a quem nasceu no Paraná; os paranaenses, por sua vez, não falam do mesmo modo que alguém do Rio Grande do Sul ou do Mato Grosso. Uma pessoa que mora na periferia de uma grande cidade se expressa diferentemente de um alto executivo de uma grande empresa nessa mesma cidade; um grupo de médicos usa termos diferentes de um grupo de advogados; uma pessoa da terceira idade possivelmente terá dificuldades de comunicação com um grupo de adolescentes. Para caracterizar esses diferentes comportamentos linguísticos e estabelecer a diferença entre a diversidade da linguagem verbal em uma mesma comunidade linguística e o código comum usado por seus membros (Dias; Gomes, 2013, p. 18-19).

O preconceito linguístico em relação à produção do <R> retroflexo no Brasil está intimamente ligado à percepção social das diferentes formas de fala, muitas vezes associadas a classes sociais e regiões específicas.

[...] percebemos variações na pronúncia de consoantes, que marcam determinados dialetos. Há regiões em que a pronúncia de um “r” em posição final de sílaba (como em “porta”, “Carlos” ou “ar”) soa como o “r” do inglês norte-americano (em car, door ou soccer). É o chamado “r retroflexo”, que caracteriza, por exemplo, cidades do interior de Minas Gerais e São Paulo (e mesmo as capitais desses estados). Em outras regiões, “porta”, “Carlos” e “ar” são pronunciadas com um “r aspirado”, representado pelo símbolo fonético [h]: “po[h]ta”, “Ca[h]los” e “a[r]”. É o que ouvimos nos dialetos de Recife e do Rio de Janeiro, por exemplo. Há ainda regiões que pronunciam essas palavras (“porta”, “Carlos”, “ar”) com um “r” chamado de *tepe*, em que a ponta da nossa língua encosta nos alvéolos (a parte logo atrás de nossos dentes superiores, bem à frente no céu da boca), tal como na pronúncia de um “r” intervocálico, como em “arara” ou “barato”; é assim em São Paulo e Porto Alegre, por exemplo (Othero, 2017, p. 102).

Apesar dessa riqueza de variações que caracteriza a língua portuguesa, ainda há muito preconceito em relação às diferentes formas de falar, especialmente quando se trata da pronúncia do <R>. Em algumas regiões, esse som é mais forte e vibrante; em outras, mais suave ou até mesmo aspirado, e todas essas formas fazem parte da legitimidade da língua e da identidade de seus falantes. No entanto, muitas vezes, essas diferenças são usadas como critério de julgamento social, atribuindo valor negativo a determinados sotaques ou modos de pronunciar. Essa discriminação linguística revela o desconhecimento sobre a natureza dinâmica da língua e reforça

estereótipos que precisam ser desconstruídos por meio da valorização da diversidade linguística e do respeito às múltiplas vozes que compõem o português falado no Brasil.

As grandes cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro ou Belo Horizonte, são vistas como centros de modernidade, cultura e educação. Por outro lado, as áreas rurais ou mais afastadas, onde o <R> retroflexo é mais comum, são frequentemente associadas à simplicidade. Esse estigma leva à valorização das formas de fala urbanas em detrimento das rurais.

Temos de nos impor como falantes competentes de nossa língua materna. Parar de acreditar que “brasileiro não sabe português”, que, “português é muito difícil”, que os habitantes da zona rural ou das classes sociais mais baixas “falam tudo errado”. Acionar nosso senso crítico toda vez que nos depararmos com um comando paragramatical e saber filtrar as informações realmente úteis, deixando de lado (e denunciando de preferência) as afirmações preconceituosas, autoritárias e intolerantes (Bagno, 2009, p. 140).

No âmbito da Sociolinguística e da Dialetologia Pluridimensional, torna-se imprescindível reconhecer o preconceito linguístico como um importante mecanismo de exclusão social e de apagamento cultural. Conforme Bagno (1999, 2009), a avaliação negativa atribuída a determinadas variantes linguísticas não se fundamenta em critérios estritamente linguísticos, mas em construções ideológicas que associam certas formas de falar a grupos socialmente menos prestigiados, como populações rurais, indivíduos com baixa escolarização e classes economicamente desfavorecidas. Nesse contexto, o preconceito dirigido à realização retroflexa do <R>, frequentemente denominada *rcaipira*, exemplifica como uma variante fonológica pode ser estigmatizada em razão das representações sociais construídas sobre seus falantes. Essa desvalorização ultrapassa o plano da língua, pois marginaliza identidades culturais e desconsidera o percurso histórico das comunidades em que tais variantes se consolidaram. Como destaca Bortoni-Ricardo (2004), as variedades linguísticas refletem a trajetória social e cultural dos grupos que as utilizam, devendo ser compreendidas como manifestações legítimas da diversidade linguística brasileira. Dessa forma, combater o preconceito linguístico implica promover o reconhecimento da pluralidade de usos da língua, valorizando as variedades regionais como parte do patrimônio histórico, cultural e identitário da sociedade brasileira.

Esse preconceito, ao atingir as formas linguísticas associadas ao interior e às classes populares — como o <R> retroflexo —, impacta diretamente os falantes, os quais, em muitos casos, internalizam essa desvalorização, reprimem traços de sua

própria fala ou os escondem em contextos formais. Contudo, a dialetologia pluridimensional permite revelar também os movimentos opostos: estratégias de resistência e afirmação identitária que emergem justamente por meio da manutenção consciente desses traços, seja através da cultura, seja na oralidade cotidiana.

É nesse ponto que a proposta de Thun (2009) revela seu potencial crítico e social, pois a análise da língua deixa de ser meramente descritiva para tornar-se um instrumento de valorização da diversidade linguística e de denúncia das hierarquias simbólicas presentes na sociedade.

3.4 A DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL COMO BASE PARA A ANÁLISE DA VARIAÇÃO FONOLÓGICA

A língua é um dos pilares mais profundos na construção da identidade cultural e da memória coletiva de um povo. No contexto sociolinguístico brasileiro, a diversidade de falares é um reflexo direto das variações históricas, sociais e geográficas que moldaram as comunidades ao longo do tempo. Como destaca Hall (2003), “a identidade cultural surge da interligação de discursos, histórias, memórias e práticas culturais que constroem uma noção de pertencimento”. Isso significa que falar não é apenas comunicar-se: é também afirmar-se como parte de um grupo.

Dentro da Linguística, a Dialetologia Pluridimensional, proposta por Harald Thun (2009), oferece um arcabouço teórico-metodológico robusto para estudar essa diversidade, integrando diferentes dimensões de análise: diatópica (espaço), diastrática (classe social), diageracional (idade), diassexual (gênero) e diafásica (situação de uso). Segundo Thun (2009), “as variantes linguísticas devem ser investigadas em sua dimensão relacional: espacial, social e funcional”. Assim, a língua é compreendida como um sistema vivo, em constante transformação e profundamente enraizado nos contextos de seus falantes.

Autores como Labov (2008) enfatizam que “a variação linguística é sistemática e significativa: ela revela padrões que se relacionam diretamente com fatores sociais”. Esse princípio permite entender, por exemplo, a persistência de traços róticos em determinadas regiões do Sul do Brasil, como é o caso de Saltinho (SC).

Contudo, essas marcas linguísticas regionais nem sempre são reconhecidas ou valorizadas, seja pelos próprios falantes, que, muitas vezes, internalizam visões negativas sobre seu modo de falar, seja por indivíduos com maior escolarização ou

oriundos de contextos socioculturais e históricos distintos, especialmente aqueles provenientes de outras formações de colonização. O preconceito linguístico é um fenômeno recorrente no Brasil, especialmente contra formas de fala não alinhadas à norma-padrão. Como afirma Bagno (1999), “o preconceito linguístico é uma forma velada e eficaz de exclusão social”. Tal discriminação se manifesta quando a fala caipira ou regional é estigmatizada como “errada”, revelando uma visão elitista da linguagem. Para Calvet (2002), a imposição da ideia de “bom uso” linguístico reforça estereótipos segundo os quais apenas determinadas variantes — geralmente associadas a centros urbanos e classes médias/altas — são socialmente aceitas.

No campo educacional, o impacto desse preconceito é ainda mais evidente. Dias e Gomes (2013) ressaltam que, embora todos falem a mesma língua portuguesa, “certamente temos diferentes falares”. A desvalorização dessas variantes compromete o senso de pertencimento e autoestima dos falantes regionais, principalmente entre os mais jovens. Diante disso, reconhecer, descrever e valorizar a fala regional torna-se um ato de resistência e promoção da diversidade.

Nesse sentido, a aplicação da Dialetologia Pluridimensional contribui não apenas para o mapeamento fonológico de traços como o <R> retroflexo, mas também para uma reflexão crítica sobre as práticas discursivas que sustentam o preconceito. Como destaca Thun (2010), a variação deve ser compreendida em sua totalidade, considerando-se os fatores que influenciam as escolhas linguísticas dos falantes.

Portanto, a análise da variação fonológica em Saltinho (SC) permite vislumbrar a língua como manifestação viva da cultura local, ao mesmo tempo em que evidencia tensões entre norma e uso. Ao integrar aspectos históricos, sociais e culturais, este estudo busca não apenas descrever um fenômeno fonológico, mas também defender a legitimidade da diversidade linguística como componente essencial da identidade brasileira.

A presente pesquisa ancora-se nos fundamentos da Dialetologia Pluridimensional e Relacional de Thun (2009), a qual constitui um avanço teórico/metodológico significativo em relação aos modelos tradicionais da geolinguística clássica. Essa abordagem possibilita compreender a variação linguística como um fenômeno complexo, multifacetado e inter-relacional, superando o enfoque puramente diatópico (geográfico) que caracterizava os estudos dialetológicos até meados do século XX.

A dialetologia pluridimensional — ao incorporar as dimensões diageracional, diassexual, diastrática e diatópica — permite analisar os fenômenos linguísticos como manifestações situadas em contextos históricos, sociais e culturais específicos. Essa perspectiva é particularmente pertinente ao estudo da variante fonológica <R> retroflexo na cidade de Saltinho (SC), uma vez que a permanência e a distribuição desse traço fonético não podem ser explicadas apenas por sua localização geográfica, mas sim por uma articulação entre diferentes fatores sociolinguísticos.

Segundo Thun (1996, 2005, 2009), a linguagem não deve ser vista como um sistema isolado ou homogêneo, mas como um processo de interação social, em constante transformação. Nessa concepção, as variantes linguísticas são resultado de escolhas condicionadas por variáveis sociais (como idade, gênero, escolaridade e local de residência), que afetam diretamente a forma como os falantes produzem e interpretam sua própria fala.

Essa abordagem relacional favorece a compreensão da língua como prática social, alinhando-se também aos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, especialmente no que diz respeito ao reconhecimento da legitimidade das variedades linguísticas não padrão (Labov, 2008; Bagno, 1999). Ao integrar os dados quantitativos à interpretação qualitativa dos discursos, a dialetologia pluridimensional permite a compreensão da língua como expressão de identidades culturais, histórias locais e formas de resistência simbólica.

3.5 O RÓTICOS COMO OBJETO DE ANÁLISE PLURIDIMENSIONAL

A escolha dos róticos como foco desta investigação, à luz da Dialetologia Pluridimensional, mostra-se pertinente por se tratar de uma variante linguística marcada tanto do ponto de vista geográfico quanto social. Geograficamente, essa realização fonética está associada a determinadas regiões e comunidades específicas, constituindo-se como um traço característico do falar local e contribuindo para diferenciar variedades regionais da língua. Socialmente, sua ocorrência pode variar de acordo com fatores como faixa etária, nível de escolaridade, contexto sociocultural e pertencimento a determinados grupos sociais, sendo, por vezes, alvo de avaliações positivas ou negativas por parte dos próprios falantes e da comunidade em geral. Dessa forma, a análise dessa variante permite compreender não apenas

sua distribuição territorial, mas também os significados sociais e identitários que ela assume no interior da comunidade.

Sua ocorrência em Saltinho é atribuída, conforme apontado por estudiosos como Thun (2009) e pesquisadores da fonologia brasileira (Cristofaro - Silva, 2002), a processos históricos de difusão linguística, particularmente vinculados à ação dos tropeiros, à ruralidade e à mobilidade social reduzida de determinadas regiões do sul do país.

A análise relacional dessa variante, que considera fatores como faixa etária, gênero e escolaridade, permite entender como essa realização fonológica se mantém ou se transforma ao longo das gerações. Além disso, oferece dados importantes para compreender como os falantes lidam com os estigmas linguísticos — se resistem, se adaptam ou se apropriam da variante como elemento de valorização de sua identidade.

A dialetologia pluridimensional, ao integrar o fator espacial sem reduzir a língua a ele, proporciona um olhar abrangente sobre a relação entre linguagem e território. Em cidades como Saltinho, que guardam uma história marcada pela migração de caboclos, pela colonização alemã e italiana e pelo contato com diversas etnias e tradições linguísticas, a fala local representa um espaço de memória coletiva. A manutenção do <R> retroflexo, nesse contexto, está profundamente ligada à história oral da comunidade, ao seu isolamento relativo e à valorização das práticas culturais herdadas.

Trata-se, portanto, de um fenômeno que transcende a linguística estritamente formal, sendo atravessado por questões antropológicas, sociológicas e históricas. É nesse sentido que a presente pesquisa assume um caráter interdisciplinar, ao dialogar com os estudos sobre identidade cultural, memória social e resistência simbólica.

A Dialetologia Pluridimensional oferece, assim, uma moldura teórico-metodológica robusta para a análise da variação fonológica em comunidades rurais como Saltinho. Ao permitir a articulação entre diferentes dimensões sociais, culturais e históricas, essa abordagem possibilita não apenas descrever o uso do <R> retroflexo, mas também interpretar os sentidos sociais que essa variante carrega para os falantes.

Mais do que mapear uma realização fonética, esta pesquisa propõe dar voz a uma comunidade linguística que, muitas vezes, permanece à margem dos discursos normativos sobre a língua. Ao registrar e analisar as formas de falar dos moradores

de Salinho, o estudo busca evidenciar a importância dessas práticas linguísticas como expressão legítima da história, da cultura e da identidade local. Nesse sentido, a investigação pretende contribuir para que os próprios falantes se reconheçam como sujeitos produtores de conhecimento e portadores de um patrimônio linguístico significativo. Ao reconhecer o <R> retroflexo como um marcador de identidade, resistência e pertencimento, a pesquisa também promove a valorização da diversidade linguística presente no município, destacando a riqueza cultural expressa no modo de falar da comunidade. Dessa forma, o trabalho não apenas descreve um fenômeno linguístico, mas também atua como um instrumento de reconhecimento e valorização da identidade linguística local, em consonância com os princípios defendidos por autores como Thun (2009), Calvet (2002), Bagno (2009) e Labov (2008).

4 METODOLOGIA PROPOSTA

A presente pesquisa adota os princípios teórico-metodológicos da Dialetologia Pluridimensional, conforme proposto por Harald Thun (2009), com o objetivo de investigar a variação fonológica presente na fala dos moradores de Saltinho (SC), com foco específico na substituição da consoante /l/ pela vibrante /r/ em determinadas palavras — como em “calça”, pronunciada como “carça”. Essa abordagem metodológica possibilita analisar o fenômeno linguístico de forma mais ampla, considerando não apenas sua distribuição geográfica (variação diatópica), mas também a influência de variáveis sociais que podem interferir na ocorrência dessa variante, como faixa etária (variação diageracional), gênero (variação diassexual) e nível de escolaridade (variação diastrática).

Quadro 1 – Dimensões de análise consideradas pelo ALMA-H

Dimensão	Parâmetro	Critério
Diatópica	Topostático (informantes em um domicílio fixo)	41 pontos de inquérito.
Diatópica-cinética	Topodinâmico (mudança de domicílio – mobilidade espacial)	Em grande parte, relação entre colônias velhas (matriz de partida) e colônias novas (matriz de chegada).
Diastrática	Ca = classe (socioculturalmente) alta Cb = classe (socioculturalmente) baixa	Ca (com formação universitária parcial ou completa). Cb (até ensino médio + profissão que não exija o uso da escrita).
Diageracional	GII (geração velha) GI (geração jovem)	= acima de 55 anos = 18 a 36 anos
Diassexual	Ho = homens Um = mulheres	
Dialingual	hrs = hunsriqueano (Hunsrückisch) hdt = alemão-padrão (Hochdeutsch) pt = português sp = espanhol	Essa dimensão é complementada com dados dos atlas linguísticos de português (ALERS e ALib) para o português.
Diafásica	Resp = respostas ao questionário Leit = leitura Tx = conversa livre (etnotextos)	Três estilos de uso da língua.
Diarreferencial	Lg = fala “objetiva” MLg = fala metalinguística	Essa dimensão é estimulada pela técnica de entrevista em três tempos: perguntar (resposta espontânea) – insistir – sugerir.
Diarreligiosa	Cat = católico Lut = evangélico-luterano	Tipo de localidade conforme as confissões religiosas presentes.
Diamésica	Esqr = língua em meio escrito vs. Fal = meio falado	Coleta de dados em áudio e vídeo (oralidade) e em meio escrito (p. ex. impressos, cartas de imigrantes, inscrições em estabelecimentos comerciais, placas, topônimos e sepulturas).

Fonte: Adaptado de Thun (2010).

Dessa maneira, o estudo busca compreender como essa particularidade fonológica se manifesta entre diferentes grupos sociais e como ela se relaciona com a identidade linguística da comunidade saltinhense. Esses critérios visam garantir a diversidade de perspectivas e a representatividade dos diferentes grupos sociais presentes na comunidade estudada e pode ser melhor compreendido no Quadro 1 de Thun (2010).

A investigação será de natureza quantitativa e qualitativa descritiva, voltada para a compreensão de como o uso dos róticos e a troca do /l/ pelo /r/ estão associados à identidade cultural e social da comunidade local.

A pesquisa se concentrará em dados empíricos obtidos por meio de entrevistas presenciais, baseadas no questionário ALCF, instrumento validado por Krug (2013) e Horst (2016). O Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF) é um grupo de pesquisa da UFFS (Universidade Federal da Fronteira Sul), *campus* Chapecó, focado no estudo do plurilinguismo e do contato linguístico na tríplice fronteira (Brasil, Argentina e Paraguai), voltado à coleta de dados fonológicos e sociolinguísticos.

A amostragem será intencional, composta por 16 informantes distribuídos de maneira a representar diferentes perfis sociais. A utilização de 16 informantes por ponto de inquérito segue um padrão metodológico amplamente adotado em pesquisas dialetológicas, especialmente no âmbito do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Esse número foi estabelecido com o objetivo de possibilitar uma análise mais abrangente da variação linguística, permitindo o cruzamento de diferentes variáveis sociais presentes na comunidade investigada. Dessa forma, a seleção desse quantitativo de participantes viabiliza a observação de múltiplas dimensões da variação linguística, ultrapassando a perspectiva exclusivamente geográfica — que busca identificar onde se fala determinada variante — e incorporando também fatores sociais, isto é, quem fala. Tal abordagem está alinhada aos princípios da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, que propõe a análise integrada das dimensões diatópica (geográfica) e (social), ampliando a compreensão dos fenômenos linguísticos dentro de seus contextos socioculturais.

Serão considerados homens e mulheres, residentes em distintas áreas do município, com escolaridade nos níveis fundamental e superior e pertencentes a duas faixas etárias: de 18 a 36 anos e acima de 55 anos (conforme os parâmetros de Thun, 1996, 2005, 2009, 2010).

Essa diversidade visa garantir uma amostra representativa da comunidade de Saltinho e permitir uma análise relacional entre os fatores sociais e a ocorrência da variante fonológica em estudo. Durante as entrevistas, com base no questionário aplicado, os participantes serão convidados a relatar narrativas pessoais e espontâneas, de modo a registrar o uso natural da linguagem em situações comunicativas informais.

A análise será focada na presença e frequência dos róticos, além de investigar se ocorre o fenômeno da substituição da consoante [l] por [r], buscando compreender os fatores socioculturais, históricos e linguísticos que influenciam tais realizações fonológicas. A seleção e aplicação do método dialetológico pluridimensional permite não apenas mapear as variantes fonológicas, mas também compreender seu papel na constituição da identidade cultural da comunidade, valorizando os saberes locais e a diversidade linguística como formas legítimas de expressão.

Todos os dados coletados serão tratados de forma ética, com total preservação do anonimato dos informantes, conforme as diretrizes estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP/UFFS). Essa abordagem metodológica busca, portanto, não apenas descrever o fenômeno linguístico, mas também refletir criticamente sobre sua relevância sociocultural, promovendo a valorização da linguagem como elemento de identidade e resistência cultural.

4.1 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

A análise dos dados coletados foi orientada pelos princípios da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, conforme o modelo teórico-metodológico proposto por Thun (2009). Essa abordagem permite correlacionar as variantes linguísticas observadas com diferentes fatores socioculturais, oferecendo uma leitura ampla e contextualizada do fenômeno fonológico em estudo, o uso dos róticos na fala dos habitantes de Saltinho (SC), bem como, a troca do // pelo /r/ na fala de determinadas palavras por esses habitantes.

Os dados são provenientes de entrevistas gravadas com 16 informantes, previamente selecionados com base em critérios sociolinguísticos (idade, gênero, escolaridade e região de residência). A transcrição dessas entrevistas foi realizada de forma criteriosa, seguindo normas da fonética perceptiva, com especial atenção às

ocorrências do <R> retroflexo e à possível presença de rotacismo (substituição de [l] por [r]). A análise foi realizada em duas etapas complementares:

1. *Análise Quantitativa-Descritiva*: Nesta etapa, foi feito um levantamento estatístico simples das ocorrências do <R> retroflexo nos discursos dos informantes, com o objetivo de: (a) Verificar a frequência de uso da variante retroflexa; e (b) Identificar os padrões de distribuição da variante conforme as variáveis sociolinguísticas: Diageracional (jovens vs. idosos), Diassexual (masculino vs. feminino), Diastrática (níveis de escolaridade), Diatópica (localização urbana vs. rural). Os resultados serão apresentados em gráficos comparativos, permitindo observar tendências e contrastes no uso da variante.

2. *Análise Qualitativa-Interpretativa*: Complementando a descrição quantitativa, a análise qualitativa buscará interpretar os dados à luz de fatores históricos, culturais e identitários. Serão observados, por exemplo: (a) A intencionalidade ou espontaneidade do uso do <R> retroflexo; (b) A percepção dos informantes sobre sua própria fala (se valorizam ou sentem vergonha da pronúncia); (c) As narrativas sobre identidade e pertencimento cultural, ligadas ao uso dessa variante; e (d) A presença de discursos que revelam preconceito linguístico ou resistência a ele. Esta etapa será baseada em uma leitura hermenêutica das transcrições, utilizando técnicas de análise de discurso e de conteúdo, conforme Bardin (2011), de modo a revelar os significados sociais atribuídos às variações fonológicas.

4.1.1 Seleção de Informantes

A amostra da pesquisa é composta por 16 informantes, selecionados por amostragem intencional, com base em critérios sociolinguísticos representativos da comunidade local. A escolha considerou os seguintes parâmetros:

- Faixa etária: dois grupos geracionais — de 18 a 36 anos e acima de 55 anos — possibilitando a análise da dimensão diageracional;
- Gênero: participação equilibrada de homens e mulheres, para observar a dimensão diagenérica;
- Escolaridade: abrangência dos níveis fundamental e superior, visando mapear a dimensão diastrática;

- Residência: informantes oriundos de diferentes áreas do município, incluindo zonas urbanas e rurais, explorando a dimensão diazonal.

Todos os participantes são nascidos ou residentes em Saltinho há, no mínimo, 15 anos, garantindo vínculo linguístico e cultural com a comunidade. A seleção foi feita com base na disponibilidade e voluntariedade dos participantes, respeitando as diretrizes éticas da pesquisa com seres humanos, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

4.1.2 Definição dos instrumentos de coleta de dados e da forma de aplicação

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas presenciais semiestruturadas, conduzidas de maneira informal, com gravação em áudio para posterior transcrição fonética e análise detalhada. O instrumento central foi o questionário ALCF, validado por Krug (2013) e Horst (2016), adaptado para esta pesquisa em quatro partes:

Parte 1 – Informações Sociolinguísticas

Visa à contextualização do perfil dos informantes: nome, idade, naturalidade, composição familiar e atividade profissional.

- Qual é o seu nome?
- Quantos anos você tem?
- Você nasceu nesta cidade? Se não, de onde você veio?
- Com quem você mora atualmente?
- Que tipo de atividade profissional você realiza?

Parte 2 – Indução Fonética

Contém perguntas abertas voltadas à produção espontânea da fala, que naturalmente favorecem a ocorrência do <R> retroflexo, como:

- Qual é a sua comida preferida? Como você a prepara?

- Você gosta de cantar? Qual música você gosta de ouvir?
- Já foi ao mar? Como foi a experiência?
- Quando era criança, qual era a sua brincadeira preferida?
- Você gosta de falar com seus vizinhos?
- Me diga um lugar em que você gosta de ficar no fim de semana.

Parte 3 – Estímulo com Repetição

Aqui, os informantes são solicitados a repetir palavras-chave em frases que contenham a consoante-alvo <R>, como em:

- Quando está frio, você costuma usar calça ou bermuda?
- Me descreva a roupa que você usou por último: tinha camisa, calça, sapato...?
- Você usa colher ou garfo para comer sopa?
- O que você costuma colocar na sua bolsa/mala quando vai viajar?
- Se você fosse fazer uma lista de compras, o que colocaria nela?
- Qual foi o último presente que você comprou para alguém?

Parte 4 – Percepções Sociolinguísticas

Aborda atitudes linguísticas e reflexões sobre identidade e preconceito linguístico, por exemplo:

- O que você acha que é preconceito linguístico?
- Em algum momento você foi ofendido ou sentiu-se com vergonha pela forma como você fala?
- Que línguas costuma falar em família? (Quantas vezes? Quando? Com quem?) (Krug, 2004).
- Você percebe alguma diferença na sua fala quando está com outras pessoas? Como se sente?

Durante as entrevistas, busca-se criar um ambiente acolhedor, que estimule o relato de experiências pessoais e favoreça a espontaneidade da fala, a fim de captar o uso natural da variante retroflexa e, eventualmente, de fenômenos como o rotacismo (substituição de [l] por [r]).

4.1.3 Definição da apresentação e análise dos dados

A análise dos dados segue duas etapas complementares — descritiva e qualitativa-interpretativa — fundamentadas nos princípios da Dialetologia Pluridimensional.

A primeira etapa consiste na quantificação das ocorrências do <R> retroflexo e, eventualmente, do rotacismo, com o intuito de:

- Identificar a frequência da retroflexão nos diferentes perfis sociolinguísticos;
- Estabelecer padrões de distribuição segundo as dimensões: (a) Diageracional (G1 vs. GII); (b) Dimensão diagenérica (Homem vs. Mulher); (c) Diastrática (escolaridade); e (d) Diazonal (zona urbana vs. rural).

Os dados estatísticos deste estudo estão apresentados em gráficos comparativos, a fim de evidenciar tendências, contrastes e possíveis deslocamentos linguísticos ao longo do tempo.

Após essa primeira etapa, foi realizada a interpretação desses dados, buscando compreender os significados socioculturais e identitários atribuídos ao uso do <R> retroflexo. Foram observados elementos como:

- Contextos de uso (espontâneo ou intencional);
- Discursos sobre a própria fala (valorização ou vergonha);
- Percepções de pertencimento cultural ligadas à variante;
- Relações com o preconceito linguístico (presença ou enfrentamento).

Os dados foram transcritos com base na forma como os sons são percebidos, observando a pronúncia, a entonação e as variações na fala. A análise foi feita a partir de uma perspectiva interpretativa, buscando compreender o significado social e simbólico das variações na forma de falar dentro da comunidade de Saltinho/SC.

A adoção da Dialetologia Pluridimensional como base metodológica permitiu não apenas mapear as formas variantes da fala local, mas também compreender como essas formas se articulam às dimensões identitárias e culturais da população. A análise do <R> retroflexo em Saltinho, portanto, não se limita a um exercício técnico de descrição fonológica, mas constitui um estudo da linguagem como prática social, carregada de valores, significados e memórias compartilhadas.

5 COLETA, SELEÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS

A etapa de coleta de dados desta pesquisa foi planejada de modo a garantir uniformidade metodológica, confiabilidade do *corpus* linguístico e respeito aos princípios éticos que envolvem pesquisas com participantes humanos. Para tanto, utilizou-se um questionário sociolinguístico elaborado especificamente para esta investigação, construído com base nos objetivos centrais do estudo e direcionado à obtenção de dados espontâneos e controlados acerca das variantes linguísticas presentes no município de Saltinho (SC), com ênfase nos róticos e em outros fenômenos fonético-fonológicos de interesse.

O instrumento de coleta foi aplicado integralmente em língua portuguesa, considerando-se o contexto sociolinguístico da comunidade investigada e a necessidade de assegurar compreensão plena por parte dos participantes. O questionário contemplou perguntas de identificação social do informante, questões relacionadas ao cotidiano, experiências pessoais, hábitos culturais e percepções sobre a própria fala, estratégia que favoreceu a produção de fala semidirigida e de ocorrências linguísticas em diferentes níveis de espontaneidade.

As entrevistas foram registradas por meio de gravação de áudio realizada em aparelho celular Redmi Note 11, utilizando o recurso nativo de gravação do dispositivo. Não foram empregados microfones externos ou equipamentos profissionais complementares. Tal escolha metodológica considerou a praticidade operacional, a descrição do equipamento em contexto de campo e a redução de possíveis constrangimentos aos informantes, fator importante para obtenção de fala mais natural.

Previamente à realização de cada entrevista, os participantes foram contatados e agendados com antecedência mínima de uma semana, procedimento adotado para possibilitar organização pessoal dos informantes e maior disponibilidade para participação. No momento da coleta, antes do início efetivo da entrevista, todos os participantes receberam esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos metodológicos e a garantia de sigilo das informações fornecidas. Em seguida, foi solicitada e obtida a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em conformidade com os princípios éticos aplicáveis à pesquisa científica.

Com o objetivo de preservar a identidade e garantir o anonimato dos informantes, conforme os princípios éticos que orientam pesquisas envolvendo seres humanos, nesta investigação os participantes são identificados por meio de um sistema de siglas. Essa codificação foi elaborada com base nas variáveis sociolinguísticas analisadas, contemplando a classe de escolaridade, a faixa etária, o sexo e a localização geográfica dos informantes.

A primeira identificação corresponde à classe de escolaridade, sendo **Ca** para os informantes pertencentes à classe de maior escolarização (ensino superior completo ou incompleto) e **Cb** para aqueles com menor nível de escolaridade (até o ensino fundamental completo). A segunda identificação refere-se à faixa etária, representada por **GI** (Geração I), composta por informantes jovens, com idade entre 18 e 36 anos, e **GII** (Geração II), formada por informantes com 55 anos ou mais. Complementam a codificação a indicação do sexo (H para homem e M para mulher) e do espaço de residência, representado pelas siglas URB (zona urbana) e RUR (zona rural).

Dessa forma, uma sigla como **CaGII-H-RUR** identifica um informante com ensino superior completo ou incompleto, pertencente à Geração II (55 anos ou mais), do sexo masculino e residente na zona rural do município de Saltinho (SC). Esse sistema de codificação possibilita a identificação das variáveis analisadas ao longo da pesquisa, preservando simultaneamente a confidencialidade dos participantes.

No que se refere à distribuição espacial da coleta, optou-se por iniciar o trabalho de campo na área urbana do município de Saltinho, prosseguindo, posteriormente, para a zona rural. Essa organização atendeu a critérios logísticos e permitiu melhor gerenciamento do cronograma de visitas, além de possibilitar observação gradual das diferenças sociolinguísticas entre espaços urbanos e rurais.

Concluída a fase de entrevistas, procedeu-se ao tratamento inicial do *corpus* por meio da transcrição das gravações, etapa fundamental para organização, leitura analítica e posterior categorização dos dados linguísticos. Para esse procedimento, utilizou-se a plataforma Worksimpli, ferramenta digital de apoio à transcrição automática de arquivos de áudio. Após a geração inicial dos textos, realizou-se revisão manual criteriosa, a fim de corrigir eventuais inadequações decorrentes do reconhecimento automático de fala, preservando-se, sempre que possível, marcas de oralidade relevantes à análise sociolinguística.

Posteriormente, os dados transcritos foram organizados e selecionados conforme os objetivos específicos da pesquisa, destacando-se os excertos que continham realizações dos róticos, ocorrências de rotacismo, comentários metalinguísticos dos informantes e passagens relacionadas à identidade linguística e ao preconceito linguístico. Essa etapa de seleção permitiu a constituição do *corpus* analítico final utilizado neste capítulo.

Desse modo, a coleta, a seleção e o tratamento dos dados seguiram procedimentos sistemáticos, assegurando consistência metodológica e qualidade científica ao material linguístico analisado.

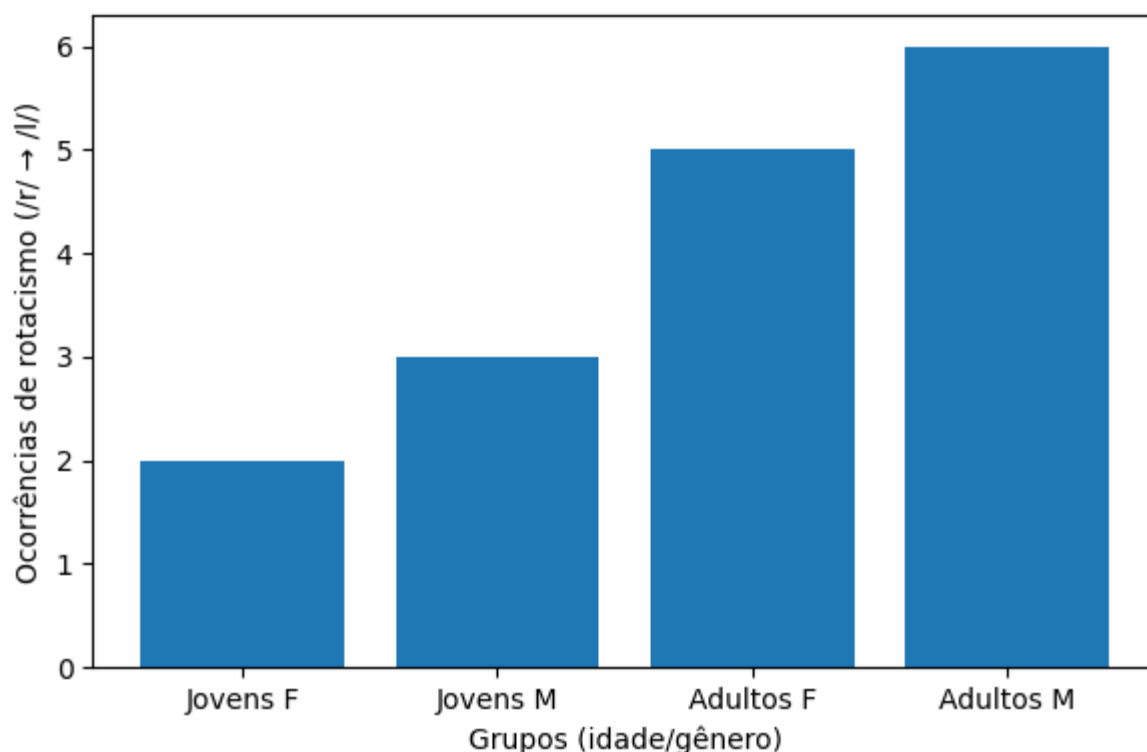
6 ANÁLISE DOS DADOS

O *corpus* desta pesquisa, constituído por entrevistas sociolinguísticas realizadas com moradores vinculados ao município de Saltinho (SC), revela um conjunto expressivo de dados que permite analisar, de forma integrada, fenômenos fonético-fonológicos, as atitudes, percepções de uso e relações de preconceito linguístico. A diversidade dos informantes — contemplando diferentes faixas etárias, níveis de escolarização, profissões e trajetórias de mobilidade — possibilita uma abordagem alinhada aos pressupostos da Dialetoлогия Pluridimensional, segundo a qual a variação linguística resulta da interação simultânea de múltiplas dimensões sociais.

Nesse contexto, o segmento <R> (róticos) emerge como eixo estruturante da análise, não apenas como fenômeno fonético, mas como marcador identitário, social e simbólico. Parte-se do entendimento de que a língua não constitui um sistema homogêneo e estático, mas uma realidade dinâmica, socialmente situada e atravessada por fatores históricos, geográficos, culturais e identitários. Assim, os dados demonstram que os fenômenos investigados — especialmente a realização do <R> retroflexo e a ocorrência do rotacismo — extrapolam o plano segmental, funcionando como índices de pertencimento, marcadores geracionais e elementos de distinção social, além de, em determinados contextos, configurarem-se como alvos de estigmatização.

No que se refere ao rotacismo (substituição do // por /r/), os resultados indicam que se trata de um fenômeno pouco produtivo no nível da realização efetiva, porém altamente significativo do ponto de vista sociolinguístico. A quantificação interpretativa do *corpus* evidencia valores baixos e progressivos, com menor ocorrência entre os falantes mais jovens e aumento gradual entre adultos e idosos, além de maior incidência em contextos menos monitorados. O Gráfico 1 confirma essa tendência, demonstrando que, embora raro na produção espontânea, o rotacismo apresenta distribuição socialmente condicionada.

Gráfico 1 – Ocorrência do rotacismo nas entrevistas por idade e gênero



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

A análise dos dados também revela que as menores ocorrências concentram-se entre os jovens, o que pode ser interpretado como reflexo de maior vigilância linguística e sensibilidade ao estigma. Por outro lado, a maior presença entre falantes mais velhos sugere a manutenção de práticas linguísticas mais enraizadas na oralidade local. No que diz respeito ao gênero, as diferenças são discretas, mas apontam para uma leve tendência de maior ocorrência entre homens, possivelmente associada a níveis diferenciados de monitoramento linguístico.

De modo geral, o rotacismo confirma um aspecto central desta pesquisa: determinadas variantes linguísticas podem possuir alta saliência social mesmo com baixa frequência de uso, sendo amplamente reconhecidas, comentadas e evitadas pelos próprios falantes. Tal fato reforça a importância de considerar não apenas a ocorrência quantitativa, mas também os significados sociais atribuídos às variantes.

A observação empírica do *corpus* revela, ainda, que falar em Saltinho envolve relações complexas entre memória coletiva, herança migratória, escolarização, mobilidade territorial e atitudes linguísticas. A realidade linguística local está historicamente vinculada aos processos de colonização do Oeste catarinense,

marcados pela presença de migrantes oriundos do Rio Grande do Sul e por descendentes de italianos, alemães e poloneses, o que contribuiu para a formação de uma comunidade linguisticamente heterogênea.

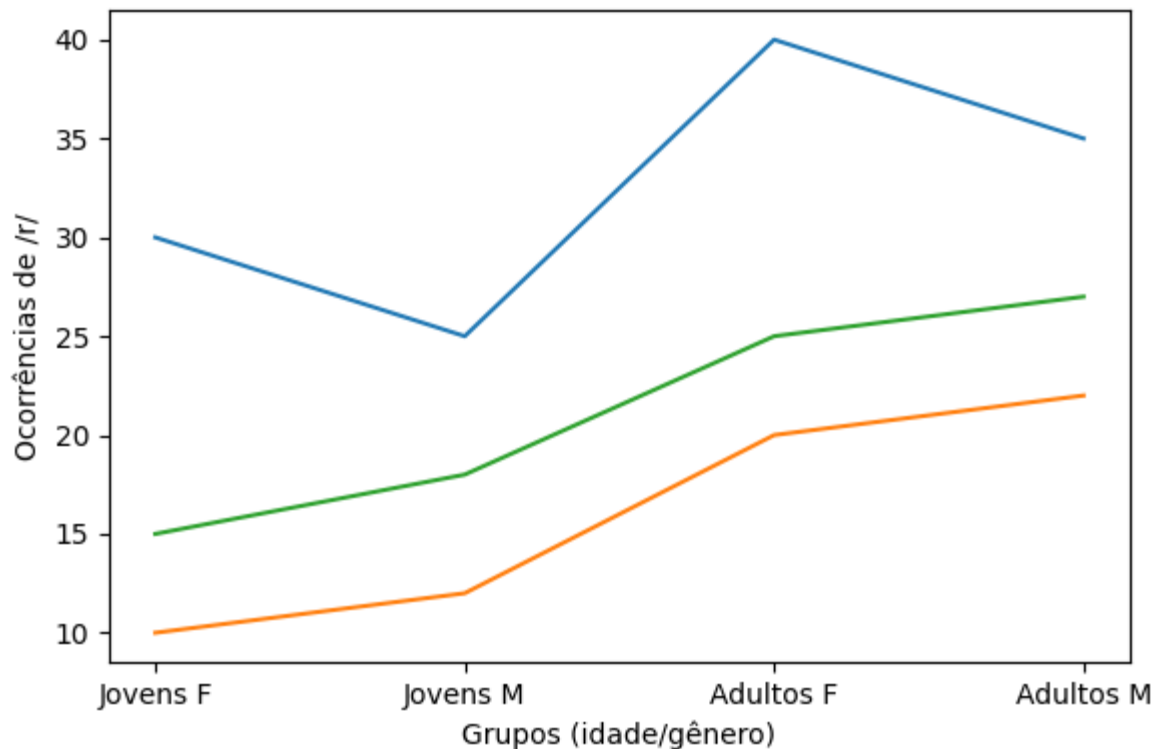
Nesse cenário, o falar saltinhense pode ser compreendido como resultado de processos de nivelamento linguístico, manutenção parcial de traços herdados, inovação local e contato entre variedades rurais e urbanas, além da influência crescente da escolarização e dos meios de comunicação. Assim, os traços observados, atualmente, não constituem resquícios isolados, mas produtos históricos de longa duração.

Entre os fenômenos centrais, destaca-se a realização do <R> retroflexo, frequentemente percebida como característica marcante do falar interiorano. Embora possa ser descrito tecnicamente no plano articulatório, seu valor no *corpus* é sobretudo social. Os depoimentos evidenciam que o <R> funciona como marcador de identidade, origem e pertencimento, sendo capaz de identificar o falante em termos territoriais e socioculturais.

Os dados também revelam a coexistência de duas atitudes principais em relação ao rótico local: por um lado, a valorização identitária, na qual os falantes naturalizam sua forma de falar; por outro, a estigmatização internalizada, evidenciada por relatos de vergonha e autocensura, especialmente em contextos formais. O depoimento de uma informante jovem que afirma já ter sentido vergonha “da forma de falar o R” ilustra a internalização do julgamento social, confirmando que o preconceito linguístico atua tanto externamente quanto no nível subjetivo.

Considerando que o *corpus* apresenta caráter predominantemente qualitativo, a quantificação realizada assume caráter interpretativo, baseada nos padrões recorrentes identificados nas entrevistas. O Gráfico 2 evidencia a predominância do tepe alveolar em todos os grupos, o aumento de variantes conservadoras entre falantes mais velhos, a maior incidência de apagamento em adultos e o maior monitoramento linguístico entre jovens. Esses resultados reforçam a hipótese de que a variação dos róticos é sistemática e socialmente condicionada, refletindo processos simultâneos de conservação e mudança linguística.

Gráfico 2 – Distribuição aproximada das variantes de <R> por idade e gênero



Linha 1 (tepe [r]) → variante dominante em todos os grupos. *Linha 2* (vibrante) cresce com a idade (marcador mais conservador). *Linha 3* (apagamento de /r/ final) mais frequente em adultos.

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Em síntese, a análise dos dados evidencia que a variação dos róticos em Saltinho (SC) não pode ser compreendida apenas como um fenômeno fonético-fonológico, mas como um processo profundamente imbricado às dimensões sociais, históricas e identitárias da comunidade. A coexistência entre formas conservadoras e inovadoras, aliada às diferentes atitudes linguísticas dos falantes, revela um cenário dinâmico em que língua e sociedade se articulam continuamente. Nesse sentido, a abordagem pluridimensional mostra-se fundamental, pois permite compreender a linguagem em sua complexidade, evidenciando que cada realização fonética carrega, para além de sua materialidade sonora, significados sociais, memórias coletivas e formas de pertencimento que constituem a identidade linguística local.

6.1 DIMENSÃO DIAGERACIONAL

A dimensão diageracional constitui um dos eixos centrais da Dialetologia Pluridimensional e Relacional proposta por Thun (2009), permitindo investigar de que forma a idade dos falantes influencia a distribuição das variantes linguísticas. Nessa perspectiva, a comparação entre diferentes gerações possibilita identificar padrões de conservação e inovação linguística, evidenciando mudanças em curso no interior das comunidades de fala.

No *corpus* analisado, composto por informantes do município de Saltinho (SC), a comparação entre faixas etárias evidencia um padrão consistente de contraste entre conservação e inovação no comportamento dos róticos.

De modo geral, os dados indicam que o tepe alveolar [r] apresenta alta frequência no *corpus*, especialmente em contextos intervocálicos, configurando-se como a variante estrutural dominante e socialmente neutra. Já a vibrante alveolar [ʀ], embora com frequência média a alta em posição inicial, assume forte valor identitário, sendo mais recorrente entre falantes mais velhos e em contextos menos monitorados.

Entre os falantes GII — como os informantes CaGII-H-RUR e CaGII-H-URB — observa-se maior estabilidade no uso de variantes tradicionais, com destaque para a manutenção da vibrante alveolar [ʀ], associada a um perfil conservador. Esses informantes apresentam menor preocupação com o julgamento externo e maior aceitação identitária de sua fala. Tal comportamento confirma a tendência de preservação de formas locais, frequentemente vinculadas à história linguística da comunidade e ao contato com línguas de imigração.

Por outro lado, entre os falantes mais jovens — como CaGI-H-URB e CaGI-M-URB — verifica-se um padrão distinto, caracterizado por maior monitoramento linguístico e sensibilidade ao estigma. Os dados mostram que esses informantes tendem a evitar marcas locais do <R>, adotando estratégias de controle consciente da fala ou mesmo demonstrando insegurança linguística, como no caso de CaGI-M-URB, cuja atitude é descrita como “vergonha/estigma”. Esse comportamento também se manifesta em relatos metalinguísticos, como a consciência expressa sobre a necessidade de “cuidar no que fala”, evidenciando a atuação da dimensão diafásica articulada à diageracional.

Com o objetivo de sintetizar os principais resultados obtidos na dimensão diageracional, o quadro abaixo apresenta uma visão comparativa do comportamento linguístico dos informantes pertencentes às duas faixas etárias investigadas. A organização dessas informações permite visualizar, de forma integrada, as diferenças observadas entre os grupos quanto à distribuição das variantes róticas, às atitudes linguísticas e aos processos de conservação e mudança. Em consonância com a perspectiva da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional (THUN, 2009), a comparação evidencia que a idade constitui um fator relevante na configuração das práticas linguísticas da comunidade, revelando tendências distintas entre falantes mais jovens e mais velhos.

Quadro 2 - Síntese da dimensão diageracional dos róticos em Saltinho (SC)

Aspecto analisado	GI (Jovens)	GII (Adultos)
Variante predominante	Tepe alveolar [r]	Tepe alveolar [r] e maior uso da vibrante [r]
Vibrante alveolar [r]	Menor ocorrência	Maior ocorrência
Monitoramento linguístico	Elevado	Reduzido
Atitude frente à variante	Insegurança e estigma	Aceitação identitária
Rotacismo	Reconhecido na memória social	Reconhecido e ocasionalmente realizado
Tendência	Inovação	Conservação

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Além disso, o fenômeno do rotacismo (calça → carça), embora apresente baixa frequência de realização efetiva, possui alta presença na memória social dos informantes, sendo amplamente reconhecido como traço característico da fala local e, ao mesmo tempo, como alvo de estigmatização. Esse dado é particularmente relevante do ponto de vista diageracional, pois sugere que determinadas variantes não desaparecem completamente, mas passam a ocupar um espaço simbólico na consciência linguística coletiva.

Esse conjunto de evidências aponta para um processo de mudança linguística em curso, no qual variantes tradicionalmente associadas à identidade local tendem a

perder espaço entre as gerações mais jovens, especialmente em contextos monitorados. Tal mudança é impulsionada por fatores como escolarização, mobilidade social, inserção profissional e ampliação das redes de interação.

Assim, o contraste entre gerações não indica ruptura, mas sim reorganização do sistema sociolinguístico, em que formas conservadoras e inovadoras coexistem. Como resultado, o <R> em Saltinho (SC) confirma-se como um elemento privilegiado para observar a dinâmica entre tradição e mudança, evidenciando que a variação linguística é simultaneamente estrutural e socialmente condicionada.

6.2 DIMENSÃO DIASTRÁTICA

A dimensão diastrática, no âmbito da Dialetologia Pluridimensional, refere-se à análise da variação linguística condicionada por fatores sociais, especialmente o nível de escolarização, profissão e inserção sociocultural dos falantes. Tal perspectiva permite compreender como diferentes grupos sociais mobilizam recursos linguísticos distintos, frequentemente associados a valores de prestígio, estigma e adequação normativa. Conforme destaca William Labov (2008), a estratificação social da linguagem evidencia que determinadas variantes linguísticas tendem a ser favorecidas ou evitadas conforme sua avaliação social.

No *corpus* analisado, os dados evidenciam que a escolarização exerce influência significativa sobre o comportamento dos róticos, especialmente no que se refere ao grau de monitoramento linguístico e à vigilância sobre formas estigmatizadas.

De modo geral, observa-se que informantes com maior nível de escolarização — particularmente aqueles vinculados à docência, como CaGI-H-URB e CaGII-H-RUR — demonstram maior controle consciente sobre a realização do <R>, ajustando sua fala conforme o contexto comunicativo. No caso de CaGI-H-URB, o *corpus* aponta explicitamente para um “monitoramento do <R>” e “controle consciente”, evidenciando um comportamento linguístico orientado por normas de prestígio. Esse tipo de postura está diretamente relacionado ao repertório sociolinguístico em função do letramento e da inserção em práticas formais de linguagem.

Por outro lado, informantes com menor grau de escolarização ou inseridos em atividades menos institucionalizadas, como CaGI-M-URB, tendem a apresentar um uso mais espontâneo dos róticos, com menor incidência de autocorreção. Nesses

casos, o comportamento linguístico é menos regulado por normas externas e mais vinculado às práticas comunicativas locais, o que favorece a manutenção de variantes tradicionais.

Entretanto, os dados também revelam que a relação entre escolarização e uso linguístico não é linear nem determinista. Mesmo entre falantes escolarizados, não se observa eliminação das variantes locais, mas sim um processo de alternância entre registros, no qual o falante adapta sua fala conforme o contexto. Esse fenômeno evidencia que a escolarização não substitui o repertório linguístico do indivíduo, mas amplia sua capacidade de escolha e adequação, permitindo transitar entre formas mais e menos monitoradas.

Um entrevistado, professor, afirmou que, conforme as pessoas com quem conversa, modifica “o *nível das palavras que usa*”, revelando consciência estilística, domínio de repertórios e sensibilidade ao prestígio linguístico.

Um aspecto central observado no *corpus* é a forte associação entre determinadas variantes — especialmente o rotacismo (calça → carça) — e processos de estigmatização social. Ainda que esse fenômeno apresente baixa frequência de realização efetiva, ele possui alta saliência na percepção dos informantes, sendo frequentemente associado à baixa escolarização e alvo de julgamento social. Tal percepção contribui para o aumento da vigilância linguística, sobretudo entre indivíduos com maior exposição a contextos formais.

Além disso, relatos presentes no *corpus* indicam a ocorrência de insegurança linguística, manifestada por meio de autocensura e preocupação com a forma de falar, especialmente em situações de maior formalidade ou diante de interlocutores externos à comunidade. Esse comportamento reforça a ideia de que a língua não é apenas um sistema estrutural, mas também um espaço de negociação social, no qual os falantes ajustam suas escolhas linguísticas em função de expectativas e hierarquias sociais.

Em termos interpretativos, os dados permitem identificar duas tendências principais na dimensão diastrática:

- Falantes mais escolarizados → maior monitoramento e controle do <R>;
- Falantes menos escolarizados → maior espontaneidade e preservação de variantes locais.

Esse conjunto de evidências confirma que a variação dos róticos em Saltinho (SC) é fortemente condicionada por fatores sociais, especialmente pela escolarização, que atua como um dos principais agentes de vigilância linguística, ou seja, a língua reflete não apenas diferenças estruturais, mas também desigualdades e valores sociais atribuídos às formas linguísticas.

Dessa forma, a análise da dimensão diastrática revela que o comportamento dos róticos não pode ser compreendido isoladamente, mas deve ser interpretado à luz das relações entre língua, sociedade e poder, evidenciando que a escolha de determinadas variantes linguísticas constitui, também, uma forma de posicionamento social.

6.3 DIMENSÃO DIAFÁSICA

A dimensão diafásica refere-se à variação linguística condicionada pelo contexto de uso, isto é, pela situação comunicativa em que o falante está inserido. No âmbito da Dialetologia Pluridimensional, essa dimensão permite compreender como os indivíduos ajustam suas escolhas linguísticas em função de fatores como grau de formalidade, interlocutor, ambiente social e propósito comunicativo. Conforme aponta William Labov (2008), o estilo de fala não é fixo, mas varia de acordo com o nível de atenção que o falante dedica à própria linguagem, fenômeno diretamente relacionado ao conceito de monitoramento linguístico.

No *corpus* analisado, os dados evidenciam que os informantes mobilizam diferentes realizações dos róticos conforme a situação comunicativa, confirmando a atuação da dimensão diafásica na organização da fala.

De maneira geral, observa-se que, em contextos informais — associados à fala espontânea, familiar ou cotidiana — há maior incidência de variantes locais e menor controle sobre a realização do <R>. Nesses casos, predominam formas mais próximas da norma comunitária, como a manutenção da vibrante alveolar [r] em posição inicial e o uso espontâneo de variantes menos monitoradas. Esse comportamento pode ser associado à menor pressão normativa e à maior identificação com o grupo social de pertencimento.

Por outro lado, em contextos mais formais — como situações profissionais, entrevistas ou interações com interlocutores externos à comunidade — os informantes tendem a aumentar o grau de monitoramento linguístico, ajustando sua fala em

direção a variantes socialmente mais prestigiadas. Esse fenômeno é explicitamente reconhecido pelos próprios participantes, como evidenciado em enunciados metalinguísticos presentes no *corpus*, a exemplo da afirmação “*cuido no que falo*”, que revela consciência sobre a necessidade de adequação linguística ou até mesmo no momento em que uma informante se preocupa com a *gravação* “*você vai apagar isso né?*”

Conforme o *corpus* analisado, percebe-se que, na análise da dimensão diafásica, os informantes apresentam diferentes graus de adaptação linguística conforme a situação comunicativa, confirmando que a língua é continuamente ajustada ao contexto de interação. No caso de CaGI-H-RUR, essa consciência é explicitamente verbalizada ao afirmar que “*tem situações e situações*” e que, dependendo do interlocutor, modifica “*o nível das palavras que você usa*”, demonstrando domínio consciente da alternância estilística. De forma semelhante, CaGI-M-URB relata perceber mudanças em sua própria fala, especialmente no ambiente profissional, indicando que o contato com outros espaços sociais desencadeia processos de monitoramento linguístico e acomodação, o que a leva, inclusive, a sentir-se “*um pouco deslocada*” em determinadas interações.

Esse comportamento é particularmente evidente entre informantes com maior escolarização ou inserção em contextos institucionais, como professores, que demonstram maior capacidade de alternância entre registros. No caso de CaGI-H-URB, por exemplo, observa-se um controle consciente do <R>, indicando não apenas monitoramento linguístico, mas também habilidade de adaptação estilística conforme a situação comunicativa.

Além disso, a dimensão diafásica revela-se intimamente articulada às dimensões diastrática e diageracional. Falantes mais jovens e mais escolarizados tendem a apresentar maior sensibilidade às exigências contextuais, ajustando sua fala de maneira mais sistemática. Em contrapartida, falantes mais velhos ou com menor escolarização tendem a manter maior uniformidade estilística, com menor variação entre contextos formais e informais.

Outro aspecto relevante, observado no *corpus*, é a relação entre variação estilística e estigmatização linguística. Variantes como o rotacismo (calça → carça), embora pouco frequentes na produção efetiva, são fortemente evitadas em contextos formais, evidenciando a atuação da vigilância linguística. Isso demonstra que a

escolha de determinadas variantes não depende apenas de fatores estruturais, mas também da avaliação social associada a elas.

Em termos interpretativos, os dados permitem identificar um padrão claro de alternância estilística:

- Contextos informais → menor monitoramento e maior uso de variantes locais;
- Contextos formais → maior controle e aproximação de variantes de prestígio;
- Presença de consciência metalinguística → evidenciada por relatos dos próprios informantes.

Esse conjunto de evidências confirma que os róticos funcionam, na comunidade investigada, não apenas como elementos fonético-fonológicos, mas também como marcadores de estilo, sendo mobilizados estrategicamente pelos falantes conforme a situação comunicativa. Tal comportamento reforça a concepção de que a variação linguística é um fenômeno dinâmico e multifuncional, no qual os indivíduos desempenham papel ativo na construção de significados sociais por meio da linguagem.

Dessa forma, a análise da dimensão diafásica evidencia que a língua, longe de ser homogênea, constitui um sistema flexível, no qual diferentes variantes coexistem e são acionadas de acordo com as demandas comunicativas, revelando a competência sociolinguística dos falantes e sua capacidade de transitar entre diferentes estilos de fala.

6.4 PRECONCEITO LINGUÍSTICO E SILENCIAMENTO SOCIAL

O preconceito linguístico constitui um fenômeno social que se manifesta na avaliação negativa de determinadas variedades ou formas de fala, geralmente associadas a grupos socialmente menos prestigiados. No campo da Sociolinguística, esse processo está diretamente relacionado à hierarquização das variantes linguísticas, em que determinadas formas são legitimadas como “corretas”, enquanto outras são estigmatizadas. Conforme argumenta Marcos Bagno (2009) o preconceito

linguístico não se fundamenta em critérios estritamente linguísticos, mas em relações de poder que atravessam a sociedade.

No *corpus* analisado, os dados evidenciam que os róticos constituem um dos principais focos de estigmatização na comunidade investigada, especialmente no que se refere a variantes associadas à fala rural ou a níveis mais baixos de escolarização. Tal percepção é reforçada por relatos dos próprios informantes, que apontam experiências de julgamento social, vergonha e necessidade de adaptação linguística.

Entre os aspectos mais relevantes, destaca-se a associação direta entre determinadas realizações do <R> — como o rotacismo (calça → carça) ou a manutenção de variantes consideradas “fortes” — e avaliações negativas por parte de interlocutores externos à comunidade. Ainda que o rotacismo apresente baixa frequência de realização efetiva no *corpus*, sua presença na memória social dos informantes é significativa, sendo frequentemente mencionado como exemplo de “*fala errada*” ou motivo de constrangimento.

Os dados também revelam manifestações de insegurança linguística, entendida como a percepção, por parte do falante, de que sua variedade linguística é inferior ou inadequada em determinados contextos. Esse fenômeno se expressa por meio de atitudes como autocensura, monitoramento excessivo da fala e tentativa de aproximação de variantes consideradas de prestígio. No caso da informante CaGI-M-URB, por exemplo, observa-se, explicitamente, a presença de “*vergonha/estigma*” em relação à própria fala, o que evidencia o impacto subjetivo do preconceito linguístico. Além disso, quando questionada sobre o preconceito linguístico, a informante logo responde: “*O sotaque, cada um tem o seu*”, reconhecendo de imediato que o preconceito recai sobre o sotaque, que toda variedade é legítima.

A informante CaGI-M-RUR, funcionária pública, apresenta um relato particularmente significativo sobre o preconceito linguístico, evidenciando seus efeitos subjetivos e sociais. Ao definir o fenômeno, a própria participante demonstra consciência sociolinguística ao afirmar que se trata da falta de respeito “*com a cultura da pessoa, o jeito que a pessoa foi criada*”, destacando a diferença entre a fala do meio urbano e do interior. No entanto, sua experiência pessoal revela como esse julgamento se materializa na prática: a informante relata ter sido alvo de deboche ao mencionar a venda de “*três dúzia de ovos*”, situação em que, mesmo utilizando uma forma considerada padrão (“ovos”), foi ridicularizada pelo interlocutor. Esse episódio gerou marcas duradouras em sua relação com a linguagem, produzindo insegurança

linguística e influenciando seu comportamento comunicativo, como a própria informante afirma: “*eu mudo e tento mudar, mas daí eu tô presa naquele deboche*”. Essa afirmação indica que a experiência de estigmatização continua a afetar sua fala no presente, especialmente em contextos formais. Tal relato evidencia não apenas a presença do preconceito linguístico, mas também seu desdobramento em processos de autocensura e vigilância constante, configurando mais um caso de como a língua pode operar como espaço de tensão social e silenciamento simbólico.

Esse tipo de experiência contribui para o desenvolvimento de estratégias de adaptação linguística, mas também pode levar ao silenciamento social, entendido como a retração da fala ou a redução da participação em interações comunicativas por medo de avaliação negativa. O silenciamento linguístico manifesta-se, portanto, como consequência direta do preconceito, afetando não apenas o comportamento linguístico, mas também a inserção social dos indivíduos. Nesse sentido, a língua deixa de ser apenas um instrumento de comunicação e passa a operar como mecanismo de exclusão simbólica, reforçando desigualdades sociais.

A informante CaGII-M-URB, apresenta um quadro bastante revelador de preconceito linguístico internalizado, evidenciado por sua própria avaliação da fala. Ao afirmar que “*às vezes a gente fala coisa errada*”, a participante demonstra incorporar a ideologia normativa que hierarquiza as variedades linguísticas, atribuindo à sua própria forma de falar um valor negativo. Esse posicionamento revela não apenas a consciência de que existem diferentes formas de uso da língua, mas, sobretudo, a internalização de um modelo prescritivo que associa a norma-padrão à correção e prestígio, em detrimento das variedades locais. Tal percepção evidencia um conflito entre identidade linguística e norma escolar, no qual a falante, mesmo representando um perfil conservador e fortemente vinculado à comunidade, reconhece sua fala como “desviante”. Esse dado é particularmente significativo, pois indica que o preconceito linguístico não se manifesta apenas de forma externa, mas também como um processo subjetivo de autovalorização negativa, refletindo a influência histórica do ensino normativo e das pressões sociais sobre os usos linguísticos locais.

Os dados dos informantes CaGII-H-RUR e CaGI-M-URB revelam diferentes formas de manifestação e percepção do preconceito linguístico, evidenciando sua complexidade no contexto sociolinguístico investigado. CaGII-H-RUR, professor, define o preconceito como o ato de “*observar e achar graça*” da forma de falar do outro, reconhecendo, portanto, o riso como mecanismo de julgamento social. No entanto,

ao afirmar que *“leva de boa”* e não se sente ofendido, o informante demonstra uma postura de relativa neutralização do impacto do preconceito, possivelmente associada à sua inserção social e profissional, que lhe confere maior segurança linguística. Ainda assim, sua fala evidencia consciência da variação estilística, ao admitir que adapta o *“nível das palavras”* conforme o interlocutor, indicando vigilância linguística em contextos específicos. Em contraste, a informante CaGI-M-URB apresenta um relato mais explícito e profundo dos efeitos do preconceito linguístico, definindo-o como o ato de *“achar uma pessoa diferente e dar risada”*, o que evidencia a associação entre alteridade e ridicularização. Seu depoimento ganha maior relevância ao relatar que evita rezar em público na igreja por receio de julgamento sobre sua pronúncia, configurando um claro caso de silenciamento social. Ainda assim, a informante afirma não modificar sua forma de falar, revelando uma postura de resistência identitária diante da pressão normativa. Em conjunto, os relatos evidenciam que o preconceito linguístico pode assumir tanto formas sutis e naturalizadas quanto impactos concretos na participação social, variando conforme o perfil sociocultural dos falantes e suas trajetórias individuais.

Outro aspecto relevante é que o preconceito linguístico atua de forma articulada às dimensões diastrática, diageracional e diafásica. Falantes mais jovens e mais escolarizados tendem a apresentar maior sensibilidade ao estigma, adotando estratégias de monitoramento e adequação. Já falantes mais velhos, embora também reconheçam o julgamento social, frequentemente demonstram maior aceitação de suas formas de fala, mantendo variantes tradicionais como parte de sua identidade linguística.

Do ponto de vista sociolinguístico, os dados confirmam que os róticos, em Saltinho (SC), ultrapassam o nível fonético-fonológico, configurando-se como marcadores sociais fortemente indexicalizados, isto é, elementos que sinalizam pertencimento, origem e posição social. Nesse contexto, a avaliação negativa de determinadas variantes não decorre de sua estrutura linguística, mas dos significados sociais que lhes são atribuídos.

Assim, a análise evidencia que o preconceito linguístico não apenas influencia a variação dos róticos, mas também impacta diretamente a experiência social dos falantes, limitando sua expressão e reforçando hierarquias sociais. Conforme ressalta Marcos Bagno (2009), combater o preconceito linguístico implica reconhecer a

legitimidade das variedades linguísticas e compreender a língua como um fenômeno intrinsecamente diverso e socialmente situado.

Dessa forma, a investigação dos róticos em Salinho (SC) revela que a língua funciona simultaneamente como espaço de identidade e de conflito, no qual se articulam processos de valorização, estigmatização e resistência. Embora frequentemente tratado de forma pejorativa no senso comum, o rotacismo possui história longa no português e encontra paralelos em mudanças fonéticas antigas da própria língua. Sua presença em Salinho demonstra que formas populares não são aleatórias, mas obedecem a tendências fonológicas recorrentes. Além disso, a persistência dessas realizações indica vitalidade da oralidade tradicional.

6.5 CONTATO LINGUÍSTICO E MEMÓRIA DE IMIGRAÇÃO

A análise das entrevistas evidencia que o contato linguístico constitui um elemento estruturante na configuração sociolinguística da comunidade investigada, ainda que, em muitos casos, esse contato não se manifeste mais como prática ativa, mas sim como memória linguística. Tal fenômeno é particularmente visível nos relatos de informantes que mencionam a presença de línguas de imigração no ambiente familiar, indicando processos históricos de bilinguismo que foram, progressivamente, substituídos pelo português.

Um exemplo significativo desse processo aparece no depoimento da informante CaGI-M-URB, ao relatar: *“tinha polaco... ela falava em polaco, mas a gente não entendia”*. Esse enunciado revela um cenário típico de bilinguismo passivo interrompido, no qual a geração anterior mantém o uso da língua de herança, enquanto a geração seguinte passa a apenas reconhecê-la auditivamente, sem domínio produtivo. De acordo com Weinreich (2006), situações de contato linguístico dessa natureza frequentemente resultam em processos de substituição linguística, nos quais a língua dominante — no caso, o português — assume centralidade, enquanto a língua minoritária perde espaço funcional.

Além disso, o dado aponta para a existência de uma memória linguística residual, que persiste mesmo após o enfraquecimento da língua de imigração. Ainda que os informantes não utilizem ativamente o “polaco” ou outras línguas, a lembrança de sua presença no cotidiano familiar evidencia a permanência simbólica dessas variedades, funcionando como marcador de identidade e pertencimento histórico.

Esse aspecto confirma a perspectiva de Altenhofen (2002), segundo a qual as línguas de imigração no Sul do Brasil continuam a exercer influência indireta sobre o português local, mesmo em contextos de aparente monolinguismo.

Por outro lado, observa-se que nem todos os informantes apresentam experiências de contato linguístico direto. O caso do informante CaGII-H-RUR é particularmente ilustrativo, ao afirmar que, em sua família, “*normalmente só português*”. Esse dado evidencia a coexistência, na mesma comunidade, de perfis sociolinguísticos distintos: de um lado, falantes com histórico de contato interlinguístico; de outro, indivíduos cuja experiência linguística se constrói em um ambiente predominantemente monolíngue. Essa heterogeneidade reforça os pressupostos da Dialetoлогия Pluridimensional, ao demonstrar que o contato linguístico não se distribui de forma homogênea, mas depende de trajetórias familiares, de redes sociais e de processos migratórios específicos.

Mesmo nos casos em que a língua de imigração não é mais falada, seus efeitos podem ser percebidos indiretamente, especialmente no plano fonético-fonológico. A manutenção de variantes róticas mais conservadoras, como a vibrante alveolar, pode ser interpretada como reflexo desse contato histórico, uma vez que línguas como o italiano apresentam forte presença desse tipo de realização. Assim, o contato linguístico atua como fator de conservação, contribuindo para a persistência de traços que diferenciam a fala local de outras variedades do português brasileiro.

Outro aspecto relevante refere-se à relação entre memória de imigração e identidade linguística. Os dados indicam que a lembrança das línguas de herança não se limita a um registro passivo, mas integra a construção simbólica dos sujeitos. Ao rememorar a presença de outras línguas no ambiente familiar, os informantes reafirmam vínculos com uma história coletiva marcada por deslocamentos, adaptações e transformações culturais. Nesse sentido, a língua — mesmo quando não mais falada — permanece como elemento constitutivo da identidade.

Nesse contexto, a relação entre memória linguística, cultura e identidade também pode ser compreendida a partir da forte presença da cultura cabocla na formação social de Saltinho. A trajetória histórica do município está vinculada à chegada, sobretudo a partir da década de 1940, de famílias caboclas provenientes do Planalto Serrano catarinense, que desenvolveram modos próprios de organização da vida, baseados na agricultura de subsistência, na relação com a terra e na convivência comunitária. Essa herança não se restringe às práticas culturais e aos modos de vida,

mas também pode ser percebida nas formas de falar que circulam na comunidade. Nesse sentido, o modo de falar saltinhense pode ser compreendido como parte de um patrimônio cultural construído historicamente, no qual determinados traços fonético-fonológicos, como a realização dos róticos, por muitas vezes distintos das cidades vizinhas, com outra colonização, integram práticas linguísticas reconhecidas pelos próprios moradores como características de sua comunidade. A identificação de muitos sujeitos com a condição de caboclos reforça essa dimensão, uma vez que o pertencimento não se estabelece somente pela ascendência, mas também pelo reconhecimento de modos de vida, costumes, relações comunitárias e formas de expressão compartilhadas. Conforme discutido na própria pesquisa, o reconhecimento enquanto caboclo está relacionado ao modo de viver e às formas de sociabilidade, envolvendo práticas como plantar, colher, alimentar-se, crer e construir a vida em comunidade. Assim, a fala local pode ser entendida como uma das dimensões pelas quais essa identidade é vivenciada e atualizada, constituindo-se não apenas como resultado de processos históricos de contato linguístico, mas também como uma forma de expressar pertencimento e continuidade cultural.

Por fim, é importante destacar que o contato linguístico, embora historicamente relevante, não impede a emergência de processos de estigmatização. Ao contrário, as marcas fonéticas associadas a essas heranças podem tornar-se alvo de preconceito linguístico, como evidenciado em outros trechos do *corpus*, nos quais o modo de pronunciar o <R> é explicitamente mencionado como objeto de julgamento social. Desse modo, observa-se uma tensão entre, de um lado, a preservação de traços linguísticos ligados à memória de imigração e, de outro, a pressão por adequação a padrões considerados prestigiados.

Em síntese, os dados analisados demonstram que o contato linguístico na comunidade investigada não se manifesta apenas como prática comunicativa, mas sobretudo como memória social e histórica, cujos efeitos se estendem ao nível fonético, identitário e ideológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a variação dos róticos na fala de informantes do município de Saltinho (SC), à luz da Dialetologia Pluridimensional, buscando compreender de que forma fatores sociais, históricos e culturais influenciam a realização desse segmento e contribuem para a construção de identidades linguísticas. Ao longo da investigação, evidenciou-se que a variação do <R> ultrapassa o nível estritamente fonético, constituindo-se como um fenômeno profundamente imbricado nas dinâmicas sociais e simbólicas da comunidade.

Os dados analisados confirmam que os róticos desempenham papel central na organização da fala local, funcionando como importantes marcadores de pertencimento e identidade. A recorrência de formas como “Sartinho”, bem como a presença de variantes associadas ao rotacismo, revela que determinadas realizações fonéticas são socialmente reconhecidas e carregam significados que vão além da estrutura linguística, operando como índices de origem, trajetória e inserção social dos falantes.

Nesse sentido, os resultados corroboram a perspectiva teórica que entende a linguagem como prática constitutiva das identidades. Conforme discutido ao longo do trabalho, a identidade não se configura como um dado fixo, mas como um processo em constante construção, atravessado por relações de poder, memória e experiência social. Assim, as variações observadas na realização do <R> devem ser compreendidas como expressões legítimas da diversidade linguística e não como desvios em relação a uma norma idealizada.

A análise pluridimensional mostrou-se particularmente eficaz para a interpretação dos dados, ao permitir a articulação entre diferentes dimensões da variação. No plano diatópico, observou-se a presença de traços conservadores associados à região Sul do Brasil, especialmente a manutenção da vibrante alveolar. Na dimensão diageracional, identificou-se um contraste entre falantes mais jovens — que tendem a monitorar sua fala — e falantes mais velhos — que mantêm maior estabilidade linguística. Já na dimensão diastrática, a escolarização revelou-se um fator relevante no controle e na percepção das variantes, enquanto a dimensão diafásica evidenciou a capacidade dos informantes de alternar registros conforme o contexto comunicativo.

Outro aspecto relevante diz respeito ao contato linguístico e à memória de imigração, que se manifestam, ainda que de forma indireta, na configuração fonética da fala local. Mesmo nos casos em que as línguas de herança não são mais utilizadas ativamente, seus efeitos permanecem na forma de traços fonológicos e na memória social dos falantes, contribuindo para a preservação de variantes consideradas conservadoras. Esse dado reforça a ideia de que a língua é também um espaço de memória, no qual se inscrevem processos históricos de deslocamento, adaptação e continuidade cultural.

No entanto, a pesquisa também evidencia que a variação linguística está sujeita a processos de hierarquização social. Os relatos dos informantes indicam a presença de preconceito linguístico, especialmente em relação às realizações do <R>, frequentemente associadas a estigmas de ruralidade ou baixa escolarização. Tal cenário revela a persistência de ideologias linguísticas normativas, que atribuem valor desigual às diferentes formas de falar, reforçando relações de poder e exclusão.

Diante disso, torna-se fundamental problematizar essas hierarquizações e promover uma visão mais inclusiva da linguagem, que reconheça a legitimidade das variedades linguísticas e valorize a diversidade como elemento constitutivo da identidade cultural. Nesse sentido, os resultados desta pesquisa apontam para a importância de práticas educativas que considerem a variação linguística como recurso pedagógico, contribuindo para a formação de sujeitos linguisticamente conscientes e socialmente críticos.

Por fim, destaca-se que esta investigação não esgota as possibilidades de análise dos róticos no português brasileiro, mas oferece uma contribuição significativa para a compreensão da relação entre variação linguística, identidade e sociedade em contextos de interiorização e herança migratória. Como desdobramentos futuros, sugere-se a ampliação do *corpus*, a realização de análises acústicas dos róticos e a investigação comparativa com outras comunidades da região, de modo a aprofundar o entendimento dos processos de variação e mudança linguística em curso.

Em síntese, esta pesquisa reafirma que estudar a língua é, sobretudo, estudar as pessoas que a utilizam, suas histórias, suas identidades e suas formas de significar o mundo.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Hunsrückisch em contato com o português: a dinâmica do bilinguismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: UFRGS, 1996.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *O conceito de língua materna e suas implicações para o bilingüismo*. In: Martius-Staden-Jahrbuch, São Paulo, n. 49, p. 147-156, 2002.
- ANDRADE, Maria Lucia de. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 2012.
- BAGNO, Marcos. *Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2009.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 52. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção Debates).
- CALLOU, Dinah; MORAES, João A.; LEITE, Yonne. **Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil**. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). *Gramática do Português Falado*. v. VI. Campinas: Editora da UNICAMP / FAPESP, 1996. p. 465-493.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 11. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHOFARD, Felipe. *Os tropeiros e a formação cultural do Sul do Brasil*. Curitiba: Editora CRV, 2023.
- CHOFARD, Amanda; SILVA, Greize Alves da; SANCHES, Romário Duarte. *Abordagens geolinguísticas para descrição de variedades do português brasileiro: aspectos contatuais, migracionais e histórico-sociais*. SciELO Preprints, 2025. DOI: doi.org. Disponível em: doi.org. Acesso em: 03 janeiro de 2026.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* *Para conhecer Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2002.

CURIOLETTI, Rúbia da Silva. *O /r/ retroflexo e suas variações no português do Sul do Brasil*. Curitiba: UFPR, 2014.

DALMOLIN, Alexandre. *Colonização e territorialização no Oeste catarinense*. Chapecó: Argos, 2010.

DIAS, Leandro; GOMES, Juliana. Variações linguísticas no contexto escolar: reflexões sobre o preconceito linguístico. *Revista Educação e Linguagem*, Campo Mourão, v. 16, n. 2, p. 115–130, 2013.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FONSECA, Pedro Cezar. *A Guerra do Contestado: história e memória*. Florianópolis: UFSC, 2005.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Movimento, 1975.

HACK, Adriana. *Imigração e identidade linguística no Sul do Brasil*. Florianópolis: UFSC, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HORST, Cristiane; RESTELLI, Thainá Caroline. As implicações dos fatores extralinguísticos na estigmatização do R. *Revista Sociodialeto*, Campo Grande, v. 14, n. 41, p. 1-23, nov. 2023. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/sociodialeto/article/view/7618/5930>. Acesso em: 9 maio 2026.

KRUG, Marcelo Jacó. *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira*. Chapecó: UFFS, 2013.

KRUG, M. J. *Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de Imigrante-RS*. 2004. 132f. Dissertação (Mestrado em Linguagem no Contexto Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, Dante. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2001.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: uma aproximação*. São Paulo: Contexto, 2004.

MOREIRA, João Carlos. *A cultura caipira e o Brasil profundo*. São Paulo: Contexto, 2020.

NODARI, Eunice Sueli; BRANDT, Marlon. *A coleta da erva-mate pela população cabocla do Vale do Rio do Peixe e Oeste de Santa Catarina*. Sociedade & Natureza, Uberlândia, v. 26, n. 2, p. 287-300, 2014.

OTHERO, Gabriel de Ávila. *Mitos de linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALTINHO. *História do Município de Saltinho*. Disponível no portal oficial da Prefeitura.

RENK, Arlene. *A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no Oeste Catarinense*. Chapecó: Argos, 2006.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SCHEIDT, José. *Hino de Saltinho*. Saltinho: Prefeitura Municipal de Saltinho, 1997.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2014

SILVA, Hélen Cristina da. *O /r/ retroflexo no português brasileiro: uma abordagem geolinguística e histórica a partir das rotas bandeirantes*. In: *A geolinguística no Brasil*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 220–238.

SILVA, Hélen Cristina da. *Pelas veredas do /R/ retroflexo*. 2016. 189 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/srv-c0003-s01/api/core/bitstreams/127da5f5-60fc-4cb2-b6b1-189388a75ea8/content>. Acesso em: 9 maio 2026.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73–102.

SOUZA, Maria de; BERNARDI, Luci dos Santos; SANTOS, Jorge Alejandro. *Sobre "ser caboclo": as vozes de caboclos do Oeste catarinense*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 77, p. 88-107, 2020.

THUN, Harald. A Dialetologia Pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (org.). *Estudos da Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

THUN, Harald. A geolingüística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderlei de Andrade (org.). *Para a história do português brasileiro* — volume VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, 2009.

THUN, Harald. La Geolingüística como Lingüística Variacional General (com ejemplos del Atlas Diatópico y Diastrático de Uruguay). In: *International Congress of Romance Linguistics and Philology* (21: Polermo: 1995). Atti... A cura di Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729, 787-789. V. 5.

THUN, Harald; AQUINO, Almidio. O Atlas Linguístico Guaraní-Românico (ALGR). Um Trabalho necessário para atualizar informações linguísticas sobre o Guaraní e o Espanhol do Paraguai. In: ALTENHOFEN, Cléo Vilson (org.). *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 1999.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.